

DIÁRIO DE UMA
OBSESSÃO
CLAIRE KENDAL

Tradução de Isabel C. Penteadó



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para o meu pai,
que me ofereceu o primeiro livro
de contos de fadas.
E para a minha mãe,
que me ensinou a ler.

Quanto a esta pequena chave, pertence ao cómodo que fica no fim do longo corredor no rés-do-chão. Abre tudo e vai a todo o lado, excetuando esse pequeno cómodo, no qual te proíbo de entrar e proíbo-te tão estritamente, que se ousares abrir a porta, não haverá nada que não tenhas a temer da minha ira.

Barba-Azul, Charles Perrault

Primeira Semana

A FIANDEIRA

Segunda-feira

Segunda-feira, 2 de fevereiro, 07:45.

És tu. Claro que és tu. És sempre tu. Anda alguém no meu encalço e eu viro-me e vejo-te a ti. Eu já calculava que fosses tu, mas ainda assim perco o equilíbrio na neve gelada. Levanto-me, cambaleando. Há manchas molhadas nos joelhos das minhas meias. As minhas luvas de lã estão ensopadas.

Qualquer pessoa sensata estaria em casa numa manhã tão gélida, se tivesse opção de escolha, mas tu não. Saíste para dar um pequeno passeio. Aproximas-te para me apoiares, para me perguntares se estou bem, mas eu recuo, conseguindo não voltar a desequilibrar-me.

Eu sei que deves estar a vigiar-me desde que saí de casa. Não consigo evitar perguntar-te o que estás a fazer aqui, embora saiba que a tua resposta não será a verdadeira.

As tuas pálpebras estão outra vez com tremeliques. Acontece quando estás nervoso. — Eu estava só a dar uma volta, Clarissa. — Não importa que vivas numa aldeia a oito quilómetros de distância. Os teus lábios empalidecem. Tu morde-los, como se adivinhasses que perderam a pouca cor que têm normalmente e estás a tentar forçar o sangue a voltar para dentro deles. — Tiveste um comportamento estranho sexta-feira no trabalho, Clarissa, saindo a meio da conversa. Toda a gente comentou.

Dá-me vontade de gritar, o modo como estás sempre a dizer o meu nome. O teu tornou-se feio para mim. Tento mantê-lo fora do pensamento, como se, ao fazê-lo, conseguisse, de alguma forma, manter-te fora da minha vida. Mas ele continua a infiltrar-se. Intrmete-se. Tal como tu. Inúmeras vezes.

Segunda pessoa presente. É isso que és. Em todos os aspetos.

O meu silêncio não te detém. — Não atendeste o telefone o fim de semana inteiro. Só respondeste a uma das minhas mensagens de texto e não foste simpática. Porque saíste numa manhã como esta, Clarissa?

Só consigo ver a curto prazo. Tenho de me livrar de ti. Tenho de fazer com que pares de me seguir até à estação para tentares perceber onde vou. Ignorar-te não me vai conseguir o desfecho que preciso neste momento; os conselhos nos folhetos não resultam na vida real. Duvido que alguma coisa resulte contigo.

— Estou doente. — É mentira. — Foi por isso que me fui embora na sexta-feira. Tenho de estar no médico às oito.

— És a única mulher que já vi que é linda mesmo quando está doente.

Começo realmente a sentir-me doente. — Estou com febre. Estive a vomitar a noite toda.

Levantas uma mão em direção à minha face, como que para verificar a minha temperatura e eu encolho-me.

— Vou contigo. — A tua mão ainda está no ar, um lembrete embaçoso do teu gesto falhado. — Não devias estar sozinha. — Realças isto deixando cair pesadamente a mão ao teu lado.

— Não quero contagiar-te. — Apesar das minhas palavras, não me parece que soe preocupada.

— Deixa-me cuidar de ti, Clarissa. Estão menos de zero graus; não devias estar na rua com esta temperatura e tens o cabelo molhado. Isso não pode ser bom para ti. — Estás a pegar no teu telemóvel. — Vou chamar um táxi para nós.

Uma vez mais, encurralaste-me. As grades de ferro escuras estão atrás de mim, por isso não consigo afastar-me mais de ti; não quero escorregar e cair através da abertura, é uma queda de um metro até à estrada abaixo. Desvio-me para o lado, reposicionando-me, mas isso não faz com que eu deixe de me sentir minúscula. Pareces tão grande no teu volumoso blusão cinzento.

A bainha das tuas calças de ganga está ensopada por ter rojado pela neve; também não estás a cuidar de ti. As tuas orelhas e o teu nariz estão vermelhos e sensibilizados devido ao frio cortante. Os meus também devem estar. O teu cabelo castanho está escorrido, embora provavelmente tenha sido acabado de lavar. A tua boca fechada e enrugada nunca descontrai.

Um sentimento de pena de ti começa a apoderar-se de mim, por mais que eu tente evitá-lo e recue perante ti. Também deves andar a perder o sono. Falar desagradavelmente, até contigo, vai contra a amabilidade que os meus pais me ensinaram. De qualquer modo, a grosseria não vai fazer-te desaparecer agora. Sei muito bem que irás simplesmente seguir-me, fingir não ouvir, e isso é a última coisa que quero.

Estás a marcar números no teu telemóvel.

— Não. Não chames. — Os teus dedos param com a brusquidão da minha voz. Avanço com uma explicação. — O médico não fica longe daqui. — Sou mais explícita. — Não vou entrar num táxi contigo.

Primes o botão encarnado e enfias o telemóvel no bolso. — Anota-me o teu número fixo, Clarissa. Parece que o perdi.

Ambos sabemos que eu nunca to daria. — Mandei desligá-lo. Agora só uso o meu telemóvel. — Mais mentiras. Dou graças por não teres descoberto o número e o teres anotado quando estiveste no meu apartamento. Estou espantada por teres desperdiçado uma oportunidade dessas. Provavelmente estás a dar cabeçadas na parede por causa disso. Mas nessa altura estavas ocupado.

Aponto para o cimo da colina. — Devias experimentar dar a tua volta ao longo do topo. — Jogo com o teu desejo de me agradares, uma atitude insensível, mas estou desesperada. — É um dos meus trajetos preferidos, Rafe. — Há uma pausa demasiado longa antes de eu conseguir proferir o teu nome, mas uso-o e é só nisso que reparas; não te ocorre que só te ofereci este prazer na esperança de que possa persuadir-te a ires-te embora.

— Eu gostava, se é especial para ti, Clarissa. Tudo o que quero é fazer-te feliz, tu sabes. Se me deixasses. — Tentas fazer um sorriso.

— Adeus, Rafe. — Obrigo-me a usar o teu nome outra vez e quando o teu sorriso se intensifica e se torna mais real, sinto-me admirada e um pouco culpada por um truque tão básico poder resultar.

Mal ousando acreditar que consegui escapar, desço cuidadosamente a colina, verificando periodicamente que a distância entre nós está a aumentar. Cada vez que o faço, estás a olhar para trás e a levantar a mão, por isso tenho de me forçar a acenar contrariadamente em resposta.

A partir de agora, todas as manhãs vou apanhar táxis até à estação e olhar pelas janelas para verificar que não estás a seguir-me. Da próxima vez que tiver de lidar contigo, vou considerar o longo prazo e obedecer aos folhetos. Vou recusar-me a falar ou dir-te-ei pela enésima vez, e sem rodeios, que me deixes em paz. Até a minha mãe consideraria que tais circunstâncias justificam maus modos. Não que eu sonhasse em preocupar os meus pais falando-lhes de ti.

Os meus dentes batem enquanto eu estou aqui no cais, receosa de que vás materializar-te enquanto ouço os anúncios apologeticos acerca de cancelamentos e atrasos devido ao mau tempo.

Encosto-me à parede e escrevinho o mais rapidamente que consigo no meu caderno de apontamentos. É o meu primeiro registo. O

caderno de apontamentos é muito pequenino, para eu poder andar sempre com ele, como aconselham os folhetos. As folhas são pautadas e unidas com argolas de arame. A capa é preta mate. As pessoas das linhas de apoio dizem que eu preciso de um registo completo. Dizem que não posso deixar escapar nada e que devo tentar escrever assim que posso, logo a seguir a cada incidente, por mais insignificante que seja. Mas os teus incidentes nunca são insignificantes.

Estou a tremer tão violentamente que me arrependo de não ter secado o cabelo. Saí apressadamente de casa para evitar atrasar-me, após ter acordado depois da hora por causa dos pesadelos que tive — contigo, sempre contigo. Teria havido tempo para o secar, embora eu não pudesse ter previsto isso com a mesma perfeição com que consigo prever-te. O meu cabelo parece uma varinha de condão de gelo, canalizando o frio através da minha pele, para dentro das minhas veias, um feitiço que gela carne em pedra.

Tinha de haver um mundo onde ele não estivesse e ela pensou que talvez tivesse finalmente entrado nele. Há retratos de juízes sisudos pendurados na parede em frente da escadaria de mármore. Quando subiu ao primeiro andar, Clarissa sentiu que estavam a observá-la; mas não podia perder a esperança de aquele poder ser um lugar onde não fosse espiada, um lugar onde pudesse ficar protegida dele.

Deixou a oficial de justiça verificar o passaporte e a convocatória e de seguida sentou-se numa das cadeiras azuis almofadadas. A sala estava maravilhosamente quente. Os dedos dos pés dela descongelaram. O cabelo secou. Parecia um lugar mágico, longe dos olhos dele. A entrada só era autorizada aos jurados e estes precisavam de introduzir um código num teclado antes de poderem sequer passar pela porta.

Sobressaltou-se ao ouvir o ruído do microfone da oficial de justiça. — As seguintes pessoas aproximem-se, por favor, da mesa, para um julgamento de duas semanas que está prestes a começar na Sala de Audiências 6.

Duas semanas inteiras no abrigo seguro de uma sala de audiências. Duas semanas inteiras longe do trabalho e dele. O seu coração estava a bater depressa na expectativa de ouvir o seu nome. Afundou-se de novo na cadeira, desapontada, quando isso não aconteceu.

À hora de almoço, obrigou-se a sair do refúgio do edifício do tribunal; ela sabia que precisava de ar fresco. Hesitou logo à saída das portas gi-

ratórias, perscrutando a rua de cima a baixo. Estava preocupada com a hipótese de ele estar escondido no meio de duas carrinhas dos serviços prisionais estacionadas a alguns metros rua acima. Ela lançou-se para passar rapidamente por elas, sustendo a respiração. Quando viu que ele não estava agachado junto a um dos para-choques, exalou de alívio.

Deambulou pelo mercado ao ar livre, vendo trabalhadores da zona comprarem comida rápida ou almoços étnicos em quiosques, vislumbrando advogados sentados em torno de uma grande mesa num caro restaurante italiano.

Olhando por cima do ombro, desapareceu para o interior do conforto familiar de uma retrosaria. Como sempre, foi atraída para os tecidos para crianças. Sereias boiavam distraidamente enquanto meninas nadavam atrás delas, enfeitadas; ela imaginou o vestido de camponesa de uma bebé, os seus folhos alternando entre mares ameixa e fúcsia.

Henry teria odiado. Rebuscado, teria ele dito. Romântico, teria ele dito. Demasiado bonito, teria ele dito. Nada original, teria ele dito. Cores lisas são melhor, teria ele dito. Talvez tivesse sido melhor que a incapacidade para fazerem um bebé os tivesse afastado.

Ela dirigiu-se com determinação para o expositor das linhas e depois vasculhou a mala em busca do pedaço de tecido de algodão acolchoado verde-musgo decorado com flores carmesim. Encontrou-o, escolheu a linha que melhor se adequava à cor do fundo e dirigiu-se para a caixa com dois carretéis.

— O que vai costurar? — perguntou a rapariga.

Clarissa viu pálpebras vibrando debaixo de pestanas castanhas-claras, um olhar de que não conseguia fugir, lábios babando cuspo de louco: memórias súbitas da única noite de Rafe na sua cama.

Ela ia exorcizá-lo. — Roupa de cama nova — disse.

Seria uma sensação maravilhosa sobre a sua pele. E foi surpreendida por uma invulgar ponta de curiosidade acerca de quem poderia um dia dormir debaixo das minúsculas flores carmesim com ela.

Segunda-feira, 2 de fevereiro, 14:15.

Estou a tentar encaixar as peças. Estou a tentar preencher as lacunas. Estou a tentar lembrar-me das coisas que fizeste antes desta manhã, quando comecei a registar tudo. Não quero deixar escapar um único pedacinho de evidência; não me posso dar a esse luxo. Mas fazer isto obriga-me a reviver tudo. Fazer isto mantém-te comigo, que é precisamente onde não quero estar.

Segunda-feira, 10 de novembro, 20:00.
(Três Meses Antes)

É a noite em que cometo o enorme erro de dormir contigo e estou na livraria. A loja está aberta apenas aos teus convidados, para comemorar a publicação do teu novo livro sobre contos de fadas. Apenas alguns dos teus colegas do Departamento de Inglês apareceram. Encorajados pela minha presença, estão a falar maldosamente do Henry. Eu estou a fingir que não reparo, pegando em livros e agindo como se estivesse intensamente interessada nos mesmos, embora as palavras sejam confusas e para mim quase tão compreensíveis como grego.

Não tenho a certeza do porquê de ter vindo, nem o que se apodera de mim para misturar os vinhos tinto e branco que me compeles a beber. Provavelmente solidão e perda: o Henry acabou de se mudar de Bath para assumir o cargo de professor catedrático em Cambridge que andou toda a vida a planear conseguir. A compaixão também tem o seu papel; enviaste-me três convites.

Não posso ir-me embora antes da tua leitura. Finalmente, estou sentada na última fila a ouvir-te recitar do teu capítulo sobre «O Teste da Verdadeira Noiva». Terminas e a mão-cheia de colegas teus faz perguntas educadas. Eu não sou uma académica; não digo nada. Assim que os aplausos dispersos se desvanecem, eu serpenteio o meu caminho em direção à porta para escapar, mas sou detida pelo teu pedido para não sair ainda. Subo discretamente até à secção de arte e sento-me na encardida carpete bege com um livro sobre Munch. Viro a página para *O Beijo*, a versão anterior em que os amantes estão nus.

Assusto-me visivelmente quando a tua sombra cai sobre a página e a tua voz quebra o silêncio desértico do primeiro andar. — Se não te tivesse encontrado, podias ter ficado aqui trancada a noite toda. — Estás inclinado sobre mim, a observar-me do que me parece ser uma enorme altura e a sorrir.

Fecho rapidamente o Munch e ponho-o de parte. — Não tenho a certeza de que tivesse sido um destino assim tão terrível, dormir com os artistas. — Aceno com o teu livro pesado como uma atriz que exagera no uso de adereços. Faz-me doer o pulso. — Isto é maravilhoso. Foi tão amável da tua parte teres-me dado um exemplar. E lê maravilhosamente. Adorei o trecho que escolheste.

— Eu adorei o quadro que escolheste, Clarissa. — Pousas a pasta

atafuhlada que trazes numa mão e os dois copos de vinho que equilibras na outra.

Eu rio-me. — Tens um corpo dentro dessa pasta?

Os teus olhos dirigem-se rapidamente para o cadeado da pasta, como que para verificar se está devidamente fechado, e passa-me pela cabeça que tens segredos que não queres ver expostos. Mas também te ris. — Só livros e papéis. — Estendes um braço. — Sai do esconderijo. Deixa-me acompanhar-te a casa. Está uma noite escura para tu andares por aí sozinha.

Eu estico-me e deixo-te ajudar-me a levantar. Não me soltas a mão. Suavemente, eu puxo-a. — Vou ficar bem. Não tens de ir a um jantar, Professor?

— Não sou professor. — A tua pálpebra estremece. Vibra diversas vezes, rapidamente, sucessivamente, como se um inseto minúsculo estivesse escondido lá dentro. — Foi o Henry quem ficou com o lugar, no ano em que me candidatei. Não há muitas hipóteses contra um poeta vencedor de prémios. E ter sido diretor de departamento também não lhe fez mal nenhum.

O Henry tinha mais que merecido o cargo de professor catedrático, mas é óbvio que eu não digo isto. O que digo é: — Lamento. — Após alguns segundos de silêncio embaraçosos, eu digo: — Preciso de ir para casa. — Tu estás com um ar tão destroçado que me apetece consolar-te. — É um livro verdadeiramente interessante, Rafe. — Tento suavizar a minha saída iminente. — Devias sentir-te orgulhoso.

Tu vais buscar o vinho e ofereces-me um copo. — Um brinde, Clarissa. Antes de ires.

— Ao teu lindo livro. — Faço tinir o meu branco contra o teu tinto e bebo um gole. Tu pareces tão satisfeito com este pequeno gesto; isso toca-me e entristece-me. Irei reviver este momento demasiadas vezes durante os próximos meses, por muito que gostasse de o esquecer.

— Bebe tudo. — Tu engoles o teu de um trago como que para demonstrares.

E eu sigo o teu exemplo, embora me saiba a medicamento doce apimentado. Mas eu não quero obscurecer a tua já apagada comemoração.

— Deixa-me acompanhar-te, Clarissa. Prefiro caminhar contigo do que ir a um jantar enfadonho.

Um minuto depois estamos lá fora no ar frio de final de outono. Mesmo atordoada pelo vinho, hesito antes de dizer o seguinte: — Alguma vez pensas na primeira mulher do Barba-Azul? Ela não é

mencionada especificamente, mas deve ser uma das mulheres mortas penduradas no quarto proibido.

Tu sorris tolerantemente, como se eu fosse uma das tuas alunas. Estás vestido como um professor americano queque; não é o teu visual habitual. Blazer de tweed, calças de bombazina castanha-clara, uma camisa de finas riscas azuis e brancas, um colete de malha azul-marinho. — Explica. — Disparas peremptoriamente a palavra, como deves fazer nos seminários de Literatura Inglesa.

— Bem, se houvesse um quarto secreto logo no início, e ele ordenasse à primeira Sra. Barba-Azul que não entrasse lá, não haveria ainda nenhuma mulher assassinada no interior. Não haveria o rasto de sangue sobre o qual ela largar a chave e nenhuma mancha na mesma para a denunciar. Então que motivo teria tido ele para matar a primeira vez? Isso sempre me intrigou.

— Talvez ele não tenha inventado o quarto até à mulher número dois. Talvez a mulher número um tenha feito algo ainda mais imperdoável do que entrar no quarto. A pior forma de desobediência: talvez tenha sido infiel, como a primeira mulher no *As Mil e Uma Noites*, e foi por isso que ele a matou. Depois ele precisou de testar cada uma das outras para ver se eram dignas de confiança. Só que nenhuma delas era. — Dizes tudo isto descontraidamente, num tom brincalhão.

Eu devia ter percebido, nessa altura, que tu não brincas. Nunca estás descontraído. Se eu não tivesse aceitado o terceiro copo de vinho, talvez tivesse percebido isso e evitado tudo o que se seguiu.

— Falas como se pensasses que ela merecia.

— Claro que não. — Falas demasiado rapidamente, demasiado insistentemente, um sinal de que estás a mentir. — Claro que não penso isso.

— Mas utilizaste a palavra desobediência. — Estarei apenas a imaginar que estou a começar a vacilar? — É uma palavra assustadora. E nunca foi uma promessa justa. Não se pode pedir a alguém para nunca entrar num quarto que faz parte da própria casa.

— Os homens precisam de lugares secretos, Clarissa.

— Precisam? — Chegámos à Abadia de Bath. A fachada ocidental do edifício está iluminada, mas parece que não consigo concentrar-me nos meus anjos caídos preferidos, esculpidos de cabeça para baixo na Escada de Jacob. A vertigem que estou a começar a sentir deve ser como a deles, com o mundo de pernas para o ar.

Pegas no meu braço. — Clarissa? — Acenas com uma mão diante dos meus olhos, sorrindo. — Acorda, dorminhoca.

Isso ajuda-me a relembrar o que estou a querer demonstrar, em-

bora tenha de me concentrar com muita força para construir frases. — Aquele quarto devia ter uns segredos verdadeiramente terríveis. Era um lugar para as fantasias dele, onde ele as tornava real.

Estamos a passar pelas Termas Romanas. Imagino as estátuas dos imperadores, dos governadores e dos líderes militares franzindo-me o sobrolho do seu terraço elevado, querendo que eu me afogue na enorme piscina verde abaixo deles. A boca sabe-me a enxofre, como a água mineral da fonte da Sala de Bombas.

— És melhor no *Barba-Azul* do que qualquer crítico, Clarissa. Devias ser tu a professora. Devias ter concluído aquele doutoramento.

Abano a cabeça para negar isto. Mesmo depois de a minha cabeça ter parado de se mover, o mundo continua a balançar de um lado para o outro. Eu quase não falo a ninguém sobre o doutoramento abandonado. Indago-me vagamente como sabes, mas paro abruptamente, distraída por um anel na montra de uma loja. É um retorcido de platina que cintila com diamantes. É o anel com que sonhei que o Henry me surpreendesse um dia, mas isso nunca aconteceu. Luzes em movimento brilham e lampejam dentro das pedras preciosas como a clara luz do Sol sobre o mar azul. Pequenas lâmpadas brancas e douradas orlam a montra, ofuscando-me.

Tu puxas-me para longe do vidro e eu pestanejo como se me tivesses acordado. Quando acabamos de passar pelas lojas fechadas nos seus edifícios georgianos dourados, os meus passos já não são direitos. O teu braço está em torno da minha cintura, conduzindo-me na direção certa.

Mal consigo lembrar-me de ter passado pelo metro, mas já estamos a subir a encosta íngreme e estou sem fôlego. Estás a abraçar-me com firmeza, empurrando-me ou puxando-me, quase me carregando. Imagens súbitas dos diamantes e das luzinhas regressam, pequenos pontos diante dos meus olhos. Como é que é possível já estarmos à porta da velha casa cujo último andar é meu?

Oscilo ligeiramente, como uma estranha boneca de trapos. O sangue sobe-me à cabeça. Tu ajudas-me a procurar as chaves, ajudas-me a subir as escadas até ao segundo andar, ajudas-me a enfiar mais duas chaves nas fechaduras da porta da minha casa. E ali estou eu, zonha, sem saber o que fazer de seguida.

— Não me vais convidar a entrar para tomar um café?

É impossível falhar, esse teu pequeno apelo à minha boa educação. Penso na ludibriada Branca de Neve a abrir a porta à bruxa má e a aceitar praticamente a maçã envenenada das suas mãos. Penso no Jonathan Harker a atravessar de livre e espontânea vontade a soleira

do Drácula. Penso novamente no Barba-Azul e no seu cómodo ensanguentado. Atravessaria ele a soleira para o interior do castelo carregando a sua nova noiva, depois de esta lhe ter saltado alegremente para os braços? Depois disso vinha o quarto de tortura que ela nunca imaginara.

Tento sorrir, mas parece que a minha cara não se mexe como deveria. — Claro. Claro que vou. Tens de entrar para tomar um café e para te aqueceres enquanto eu te chamo um táxi. Foi tão querido da tua parte teres-me acompanhado a casa na tua noite especial. — Estou a tagarelar. Sei que estou a tagarelar.

Paro em frente do lava-loiça e deixo a água correr para dentro da chaleira. — Desculpa. — As minhas palavras soam entarameladas, como se faladas numa língua que mal conheço. — Sinto a cabeça esquisita.

É um esforço tão grande manter-me de pé. Sinto-me a girar. Ou será a casa que está a rodar? O meu corpo parece feito de líquido. Deslizo para baixo, dobrando as pernas com uma precisão tão agradável, até dar por mim sentada nos ladrilhos de ardósia da minha cozinha estreita. A chaleira ainda está nas minhas mãos, a derramar água do bico. — Tenho muita sede. — Embora a água esteja a salpicar-me o vestido, não consigo perceber como conseguir enfiá-la na boca.

Tu encontras um copo e enche-lo. Ajoelhas-te ao meu lado e dás-me a água como se eu fosse uma criança a beber de um copo com bico. Secas uma gota do meu queixo com o teu dedo indicador e depois leva-lo aos teus lábios. As minhas mãos continuam a agarrar a chaleira.

Levantas-te de novo para pousares o copo e fechares a torneira. Dobras-te para me tirares a chaleira das mãos. — Magoa-me pensar que não confias em mim. — Consigo sentir a tua respiração no meu cabelo quando falas.

Ajudas-me a levantar, puxando-me, suportando o meu peso. As minhas pernas mal se mexem quando me levas em direção ao quarto. Sentas-me na beira da cama e agachas-te à minha frente, encostando-me a ti para que eu não caia. Não consigo manter as costas direitas. Estou a chorar.

— Não — sussurras tu, alisando-me o cabelo, murmurando que é tão macio, beijando as lágrimas que me escorrem pela face. — Deixa-me deitar-te. Eu sei exatamente o que fazer contigo.

— Henry... — tento dizer. Falar parece demasiado difícil, como se eu me tivesse esquecido de como se faz.

— Não penses nele. — Pareces zangado. Olhas-me profundamente nos olhos, de tal forma que me vejo obrigada a fechar os meus. — O quadro do Munch, eu sei que estavas a pensar em nós, a imaginar-nos juntos. Estávamos os dois.

Estou completamente mole. Sinto como se fosse feita de ondas. Estou a deslizar para trás. Só quero deitar-me. Sinto uma agitação na cabeça, como o mar. Tenho um batuque nos ouvidos, como um rufo de tambor, o meu próprio coração a bater cada vez mais alto.

As tuas mãos estão na minha cintura, na minha barriga, nas minhas ancas, no fundo da minha coluna, a mover-se sobre mim à medida que me desapertas o vestido cruzado.

Este vestido era para ser tocado apenas pelo Henry. Fi-lo para o jantar de aniversário que tive com ele há sete meses. Embora ambos soubéssemos que a relação estava praticamente acabada, ele não quis que eu passasse o meu trigésimo oitavo aniversário sozinha. A última noite que passámos juntos. Um jantar de despedida, com sexo de despedida. Este vestido não foi feito para ti.

Estou a tentar empurrar-te, mas é como se eu fosse uma criança. Estás a abrir o que falta do vestido e a deslizar-lo dos meus ombros. E então o quarto tomba e tudo o que se segue é sombrio. Imagens dispersas de um pesadelo que não quero recordar.

Ela estava tão concentrada na escrita, que o ruído áspero do microfone da oficial de justiça lhe fez saltar a caneta dos dedos, que atravessou disparada a zona tranquila onde estava sentada. — As seguintes pessoas aproximem-se, por favor, da mesa, para um julgamento que está prestes a começar na Sala de Audiências 12. — O nome dela foi o primeiro a ser chamado, provocando-lhe um choque elétrico. Ela enfiou o caderno de apontamentos na mala como se fosse uma prova incriminatória com a qual não queria ser vista.

Dois minutos depois, estava a seguir apressadamente o oficial de diligências juntamente com os outros. Uma pesada porta abriu-se automaticamente e, subitamente, estavam nas profundezas recônditas do edifício, a subir vários lanços de escadas de cimento em caracol expostas a correntes de ar, a percorrer silenciosamente o linóleo de uma pequena e excessivamente clara sala de espera e depois a atravessar hesitantemente mais uma porta. Ela pestanejou diversas vezes quando constatou que estavam na sala de audiências. O seu nome foi de novo chamado e ela foi conduzida para a última fila.

Henry teria recusado a *Bíblia*, mas Clarissa aceitou-a do oficial de

diligências sem hesitar. Verbalizou com sinceridade cada palavra do juramento, embora a sua voz fosse fraca.

Sentada ao seu lado estava uma mulher agradavelmente roliça, de cabelos escuros, cujo colar tinha inscrito o seu nome em ouro branco: *Annie*. Como que meio aturdida, Clarissa olhou mais para a direita onde, a apenas alguns passos de distância, se encontravam cinco réus ladeados por agentes policiais. Annie estava a observar atentamente os homens com um interesse nada disfarçado, como se estivesse a desafiá-los a reparar em si.

O juiz dirigiu-se aos jurados. — Este julgamento terá a duração de sete semanas.

Sete semanas. Ela nunca sonhara ter tamanha sorte.

— Se houver motivos de força maior que vos impeçam de servir neste júri, entreguem, por favor, uma nota ao oficial de diligências antes de saírem. Amanhã a Coroa fará a abertura da sessão.

Ela procurou a mala às apalpadelas, puxou a saia para baixo quando se levantou, para garantir que esta não tinha subido, e seguiu com passo hesitante os restantes. Ao passar pelo banco dos acusados, viu que se ela e o réu esticassem um braço, quase poderiam tocar-se.

Ela descalçou as luvas quando embarcou no comboio, sentou-se no último assento livre e tirou o telemóvel da mala. Sentiu uma onda de náusea. Quatro mensagens de texto. Uma da mãe. As outras de Rafe. Na verdade, era até comedido da parte dele parar à terceira.

Ela não sorriu, como normalmente faria, quando leu a da mãe: *Café não é comida de pequeno-almoço*. Nada conseguia prepará-la para a pequena série de mensagens dele, por mais inofensivas que pudessem parecer a outra pessoa.

Espero que estejas a dormir. Espero que estejas a sonhar comigo.

Estou sempre a ouvir o teu atendedor de chamadas. Ligo mais tarde.

Vais precisar de sumo, fruta e coisas com vitaminas. Vou até ao teu apartamento.

Ela queria poder contar com uma amiga, alguém a quem mostrar as mensagens; queria uma amiga que lhe dissesse o que fazer. Ela costumava ter amigas, antes de Henry e dos tratamentos de fertilidade terem tomado conta da sua vida; antes de ter deixado um homem casado abandonar a mulher por sua causa; antes de outra mulher ter deixado de confiar nela; antes de ter descoberto que era demasiado difícil olhar para aqueles rostos de desaprovação e ver a sua própria perplexidade ante o que havia feito espelhada neles.

Henry e as suas amigas não eram compatíveis, mas, ainda assim, ela devia ter encontrado uma forma de obedecer àquela regra fundamental, a que diz que nunca se deve deixar um relacionamento interferir com os amigos. Agora Henry tinha-se ido embora e Clarissa estava demasiado envergonhada para tentar recuperar as amigas. Ela nem sequer estava certa de que as merecia, ou que alguma vez elas a perdoassem.

Pensou na sua mais velha amiga, Rowena, que não via há dois anos. As mães tinham-se conhecido na enfermaria da maternidade, enquanto embalavam as suas bebés e contemplavam o mar das janelas do piso superior do hospital. Haviam-se encontrado para brincar durante a infância. Tinham feito todo o percurso escolar juntas. Mas Rowena era outra amiga que não se dava bem com Henry. Contudo, ela e Rowena tinham-se tornado adultas tão diferentes; talvez Henry tivesse somente acelerado uma rutura que, de qualquer modo, teria acontecido.

Ela tentou expulsar o sentimento de autocomiseração. Ia precisar de se esforçar mais para fazer novas amigas. E se não tinha amigas a quem pedir conselhos naquele momento, pelo menos tinha as linhas de apoio; os seus folhetos informativos tinham chegado por correio no sábado, apenas um dia depois de ter falado com eles.

Enviou-lhe uma mensagem de resposta. *Não venhas. Não quero ver-te. Muito contagioso.*

Assim que premiu o botão para a enviar, arrependeu-se, pois lembrou-se do conselho que todos aqueles folhetos repetiam de inúmeras formas. *Sempre que possível, não fale com ele. Não encete nenhum tipo de conversa.* Ela sabia que as amigas perdidas também diriam o mesmo.

Quem lhe dera não lhe ter dado o número do telemóvel. Nada mais havia resultado para conseguir ver-se livre dele na manhã a seguir à festa de lançamento do livro. Nem o ter vomitado de forma audível na casa de banho. Nem o ter engolido três analgésicos diante dos olhos dele por causa das dores de cabeça. Nem sequer o tremor visível o tinha feito ver que estava tão maldisposta que ele precisava de se ir embora. O número tinha sido um suborno como último recurso para conseguir que ele se fosse embora — se pelo menos ela tivesse tido a clarividência para o enganar inventando um número falso em vez de ter utilizado o verdadeiro. Mas tinha estado demasiado doente para pensar com clareza.

Marcou o número de Gary. Motivos de força maior, havia dito o juiz. Quais poderiam ser? Gravidez, talvez. Ou amamentação. Ela não tinha motivos de força maior. Um administrador que ficaria ligeiramente incomodado com a sua ausência não era um motivo de força maior.

Clarissa tentou soar compungida, como se algo chocante lhe tivesse

acontecido. — Pensei que seriam apenas nove dias. Duas semanas, no máximo. É o que diz a papelada que nos enviam, mas fui escolhida para um julgamento de sete semanas. Lamento imenso.

— Não te deram hipótese de dizeres que não podias? És vital para esta universidade.

Ela não pôde deixar de rir. — Não sou, não. Não como médicos e professores. Nem eles conseguem escapar. Nem os juizes. A secretária de reitoria da Escola de Pós-Graduação não é propriamente uma funcionária essencial, embora, evidentemente, eu me sinta comovida com o teu excepcional sentido de importância.

— Mas não respondeste à minha pergunta. — Em raras ocasiões, Gary era capaz de utilizar um grave tom autoritário com ela. — Não te deram uma hipótese de te livrares?

Ela não hesitou em mentir-lhe. — Não — disse. Estava em casa; o comboio estava a parar em Bath. A sua pele estava arrepiada, habitualmente um sinal de alerta infalível de que estava a ser observada, mas ela sabia que Rafe não estava na carruagem. Também não conseguia vê-lo no cais. — Não, não deram.

Terça-feira

Os gases do trânsito estavam a fazer arder-lhe os olhos. Ela estava a percorrer a pé o caminho desde a estação de Temple Meads de Bristol até ao tribunal, e as ruas eram tão amplas e semelhantes que ela se interrogou se estaria perdida.

Estava a tentar concentrar-se no itinerário, nos pontos de referência que mal conhecia — tinha a certeza de que se lembrava daquela parede roxa à direita, do dia anterior — mas, como de costume, Rafe expulsava tudo o resto do seu pensamento.

Sexta-feira, 30 de janeiro, 10:00. (Quatro Dias Antes)

É o meu último dia de trabalho antes do serviço de júri; o meu último dia a ter de te evitar. Na segunda-feira, desaparecerei no interior do edifício do tribunal e tu não saberás onde estou.

Coloco os meus documentos e relatórios numa das cadeiras de madeira fixas do grande anfiteatro e a minha mala noutra. Sento-me na cadeira do meio, na esperança de que estas pequenas ameias te impeçam de te sentares ao meu lado. Tal sinal visual do meu desejo de espaço funcionaria com qualquer outra pessoa. Mas contigo não. Claro que contigo não. Nada funciona contigo.

Estás debruçado sobre mim a dizer «Olá, Clarissa» enquanto colocas os meus papéis no chão e te sentas. Estou injusta e irracionalmente furiosa com o Gary por ter insistido que eu comparecesse a esta reunião no seu lugar. Estás no lugar ao lado do corredor, o que torna a minha fuga mais difícil; eu fui tola por não ter previsto isso.

Fixas os olhos em mim, os teus globos oculares estremecem. Não tenho onde me esconder dos teus olhos. Quero tapar a cara com as mãos, cobrir-me. As tuas faces ruborescem, depois empalidecem e tornam a ruborescer com a brusquidão do pisca-pisca de

um carro. Odeio ver prova tão inequívoca do meu efeito no teu corpo.

E o teu efeito no meu. Estou a ficar com calor e dói-me tanto o peito que receio deixar de respirar. Posso desmaiar em frente de toda a gente, ou sentir-me mal. Deve ser um ataque de pânico.

O teto é alto. As luzes fluorescentes estão salpicadas de cadáveres de moscas ressequidas. Embora as lâmpadas estejam bem acima da minha cabeça, fazem-me arder o cimo. Mesmo no inverno, as moscas sobrevivem no espaço quente entre as vigas do telhado do edifício. Consigo ouvir uma a silvar e a fritar, incapaz de fugir da armadilha da lâmpada em que pousou. Receio que caia sobre mim. Mas antes uma mosca do que tu.

Tocas-me no braço e eu encolho-me com a mínima violência que me é possível. Sussurras: — Sabes, adoro o teu cabelo assim, afastado do pescoço. O teu pescoço é tão bonito, Clarissa. Penteaste-o assim por minha causa, não foi? E o vestido também. Sabes que adoro ver-te de preto.

E não consigo mais suportar. Como se a tampa de uma panela de pressão tivesse rebentado, levanto-me de um salto, abandonando os papéis e tropeçando nos teus pés e pernas. Tu aproveitaste — claro que sim, aproveitaste sempre — e colocas as mãos na minha cintura com a desculpa de estares a ajudar-me a equilibrar-me. Eu afasto os teus dedos com um estalo, já sem me ralar se vou afrontar o vice-reitor, que faz uma pausa nas suas notas de abertura no momento em que todas as cabeças na sala se viram para me verem sair apressadamente. Dá-me vontade de chorar, saber que parece que sou eu a descontrolada e não tu.

De alguma forma consigo fugir do campus, chegar ao centro de Bath e caminhar aos tropeções, de um modo quase automático, até aos Salões de Reunião. Não sigo a minha descida habitual até à mal iluminada cave, o meu lugar preferido, onde se exibem vestidos com centenas de anos; são tecidos com fios de prata e ouro sobre seda brilhante, embelezados com joias. Em vez disso, atravesso o hall de entrada verde-salva, passo por entre colunas de mármore cor de mel claro e paro à porta do Salão Octogonal.

O salão está fechado. Um sinal explica que um evento particular terá lugar mais tarde no seu interior. Mas eu atravesso as portas duplas como se fosse um direito meu e fecho-as atrás de mim. Estou em sossego e tranquila aqui, rodeada por estas oito paredes de pedra; luz suave cai sobre mim através das janelas envidraçadas. Pego no meu telefone, inalo profundamente e ligo o 112.

— Emergência policial. — O cumprimento da operadora é uma cantilena animada, como se estivesse a trabalhar numa boutique e eu fosse um potencial cliente.

Não sei o que dizer. Consigo dizer «Olá», embora esteja a respirar pesadamente. Devo parecer uma importunadora.

— Qual é a sua emergência, por favor?

A Rainha Charlotte dirige-me o seu olhar meigo do seu alto retrato como se para oferecer encorajamento. — Esta manhã, no trabalho... Um colega...

— Houve algum incidente no seu local de trabalho?

Eu tento explicar. *Ele sentou-se ao meu lado numa reunião, quando eu não queria que ele o fizesse. Sussurrou-me de modo sugestivo. Invadiu o meu espaço corporal. Transtornou-me.*

— Muito bem. Esse homem está consigo neste momento?

Os olhos da Rainha Charlotte seguem-me, preocupados, à medida que eu contorno o salão. — Não. Mas ele anda a perseguir-me. Não consigo livrar-me dele.

— Ele feriu-a fisicamente?

A família Drake está demasiado feliz na sua artística moldura dourada, a posar na cuidada paisagem de século dezoito com os filhos perfeitamente comportados. — Não.

— Alguma vez abusou fisicamente de si?

O doce bebé Drake, sentado no colo da mãe, não devia estar a ouvir isto. — Não — digo novamente, após uma longa pausa.

— Alguma vez a ameaçou diretamente?

Uma vez mais, hesito. — Não, não diretamente. Mas faz-me sentir ameaçada.

— Está em perigo neste momento?

Olho bem para o alto, acima do elegante friso de gavinhas encaçoladas, esticando o pescoço. O Capitão William Wade posa com o seu casaco vermelho de Mestre de Cerimónias e fita-me de modo reprovador. — Não.

— Vejo que está muito transtornada e isso é compreensível. Mas não corre perigo de vida. O 112 é apenas para emergências de vida ou morte.

O salão parece mais pequeno, como se as elegantes paredes amarelas-claras estivessem a aproximar-se umas das outras. — Desculpe. — O teto alto já não parece tão alto. Não há oxigénio suficiente ali dentro.

— Não precisa de pedir desculpa. Mas eu acho que poderia ajudar-se melhor a si própria se se acalmasse. — Ela pensa nitidamente que sou histérica.

Existem quatro pares de portas duplas castanhas no Salão Octogonal. Um dos pares abre-se abruptamente. Um turista de meia-idade entra cambaleante, olha para mim e volta a sair rapidamente, fechando as portas atrás dele.

— Estou calma. — As palavras saem como um crocito esgançado.

— Eu entendo que fez esta chamada de boa fé. — Ela pensa claramente que sou uma doida que está a fazê-la perder tempo.

A minha cara está vermelha e quente. — Não sabia a quem mais recorrer. Pensei que era para isto que vocês estavam aí.

— A senhora está obviamente perturbada. Já pensou em ir ao seu médico de família? — Ela pensa claramente que sou pura e simplesmente louca.

Encosto a têmpora ao ornamento de gesso saliente de uma das cornijas de lareira. — O meu médico de família não o vai obrigar a deixar-me em paz.

A voz dela é amável, compassiva até. — A polícia não pode fazer nada a não ser que haja indícios de que foi cometido um crime. Pelo que me está a dizer, não houve qualquer crime. Não estou a dizer que não acredito em si, mas não tem nenhum indício. E, por muito que eu gostasse de a ajudar, a senhora não corre perigo de vida, por isso, nestas circunstâncias, não posso enviar-lhe ninguém.

George III olha para o lado. — Está a dizer-me que ele tem de me fazer mal para vocês me ajudarem?

— Estou a dizer que nada pode ser feito por enquanto. Há organizações e linhas de apoio especializadas que poderão aconselhá-la sobre como documentar o assédio insistente de um assediador. A senhora vai precisar de ser proativa em reunir indícios, se quiser pôr um ponto final no que ele está a fazer. Entre em contacto com eles. É o melhor neste momento.

Primo o botão para terminar a chamada e sento-me durante alguns minutos no meio do soalho de madeira puído. Acima de mim está um enorme lustre de cristal. Penso que bem podia cair-me em cima da cabeça. Levanto-me, sinto os joelhos rijos e doridos, e saio apressadamente do Salão Octogonal, lançando um último olhar à Rainha Charlotte antes que me descubram e me expulsem dali.

Ela sentiu-se aliviada por ser arrancada destas lembranças pela visão do edifício do tribunal. De alguma forma ela tinha conseguido, apesar de ter estado tão distraída com más recordações que

não havia virado à esquerda e tinha caminhado durante vinte minutos antes de se aperceber de que precisava de voltar para trás. Era apenas o segundo dia, mas ela estava com receio de que o juiz fosse tão rígido quanto à pontualidade que fosse expulsá-la antes mesmo de o julgamento ter começado. Uma vez mais, entrou praticamente aos tropeções no banco dos jurados.

Estava um dossiê de argolas em cima da secretária que ela partilhava com Annie. Juntas, abriram-no e leram as folhas das acusações. *Rapto. Detenção ilegal. Violação. Conluio para fornecimento de drogas Classe A.* Palavras chocantes e dramáticas. Palavras que a faziam perguntar-se como havia ido parar a tal lugar.

O advogado de acusação não tinha mais de cinquenta anos. As rugas debaixo dos olhos tinham a inclinação de um homem bem-humorado, mas o Sr. Morden estava com um ar seríssimo quando se virou para o banco dos jurados. — Vou contar-vos uma história — começou. — Uma história verdadeira. E não é bonita. É a história de Carlotta Lockyer e o que lhe aconteceu não foi nenhum conto de fadas.

Quatro dos cinco réus estavam a olhar fixamente para baixo, como que a tentarem, educadamente, não escutar uma conversa que não tinha nada a ver com eles.

— Há um ano e meio, no último sábado de julho, Samuel Doleman foi dar um passeio com alguns amigos.

Os olhos cinzentos de Doleman estavam inabalavelmente fixos, embora a sua cara tivesse empalidecido. O cabelo ruivo estava tão curto que Clarissa conseguia ver o couro cabeludo. Dava-lhe um ar vulnerável. Bem como as sardas.

— Ele tinha-os levado de Londres a Bath numa carrinha. Iam caçar. A sua presa era Carlotta Lockyer.

Clarissa lembrava-se exatamente do que estava a fazer na altura. Indagou-se se mais alguém na sala de audiências, para além dos réus, se lembraria. Ela tinha acabado de completar a sua quarta tentativa de uma fertilização *in vitro*. Vinte e oito de julho era a data do último teste de gravidez que havia falhado. Reviveu a tensa viagem de Londres no início da manhã de sábado para chegar ao laboratório para a análise ao sangue. Podia ser que ela e Henry tivessem até seguido a carrinha pela autoestrada naquela tarde no regresso a Bath, com Clarissa a chorar compulsivamente, depois do telefonema da clínica para o seu telemóvel, e Henry pensativo e silencioso.

— Se olharem para a tela, verão as imagens de circuito interno dos réus captadas em frente da porta do apartamento da Menina Lockyer.

Clarissa tentou recuperar a concentração, esforçando-se para acal-

mar o coração. Ela conhecia aquele apartamento. O edifício ficava a dez minutos a pé do seu. Se Rafe a tivesse apanhado uns minutos depois na manhã anterior, teriam ficado parados em frente dele.

Apesar da filmagem com grão e interferências, ela conseguia ver os homens a andarem de um lado para o outro, inquietos e em círculos, espreitando pela porta de vidro, batendo com os punhos, sacudindo a maçaneta.

Ela imaginou Rafe a fazer o mesmo à sua porta. A Menina Norton teria algo a dizer se ele se atrevesse. A Menina Norton era a pequena velhota que morava no apartamento do rés-do-chão. Só Clarissa e a Menina Norton ocupavam o edifício: o apartamento do primeiro andar estava sempre vazio, um imóvel de investimento, propriedade de um australiano rico que raramente o usava.

— Como é óbvio, a Menina Lockyer não está em casa. Infelizmente para ela, o Sr. Doleman e os amigos não desistem facilmente.

O mesmo poderia dizer-se de Rafe. Ela saboreou o café da manhã, azedado.

— Procuraram-na. Encontraram-na. Perseguiram-na. Atacaram-na subitamente. Arrastaram-na numa viagem aterradora de Bath até Londres, para a escuridão do seu mundo sádico.

Uma vez mais, ela imaginou-se a ir à polícia apresentar queixa contra ele. Uma vez mais, viu com demasiada nitidez o que aconteceria se o fizesse: iam acabar por pensar que ela havia provocado a situação.

Ele diria que ela gostava de atenção. Ele diria que ela fora à sua festa e que quisera dormir com ele. Ele diria que ela o convidara a ir a sua casa. Provavelmente havia imagens de circuito interno dos dois a subirem a encosta naquela noite, com o braço dele à sua volta.

Ela pensou outra vez nos alertas dos folhetos. *Se houver alguma dúvida de que está a dizer a verdade, isso pode prejudicar o seu caso e a sua credibilidade.* Mas no que tocava à verdade, era a sua palavra contra a dele.

Ela estava a lembrar-se de uma coisa que costumava manter enterada. A caminhada de regresso a casa com Rowena quando tinha quinze anos. A rapariga estranha à beira-mar que lhe tinha dado um soco na barriga, agarrado na mala e a tinha atirado ao chão antes de ter fugido. Parecia que tinha acontecido tudo ao mesmo tempo. Clarissa tinha conseguido apenas ficar a tentar recuperar o fôlego, com Rowena agachada ao seu lado e com os braços à sua volta.

Os pais tinham-na levado à esquadra de polícia e obrigado a denunciar o incidente, mas a agente policial de ar amargo pensara nitidamente tratar-se de um devaneio de adolescente com que não valia a pena per-

der o seu tempo, e não parara de perguntar o que teria feito Clarissa para o provocar. Teria estado a exhibir-se? A mostrar coisas de valor a uma menina com menos posses? A discutir por causa de um rapaz? Clarissa saíra da esquadra com as faces encarnadas e a cara a arder, sentindo-se uma criminosa.

Um *ato de violência fortuito*. Era o que Rowena lhe tinha chamado, segurando-lhe depois na mão. Mas Clarissa não estava certa disso. Devia ter havido alguma coisa em si que atraía a atenção daquela rapariga. E alguma coisa que atraía também a de Rafe. Não havia certamente nada de fortuito no que a ele dizia respeito.

Os olhos ardiam-lhe; ela fechou-os com força por breves instantes. Os ombros estavam tensos. O homem sentado à sua frente era irritantemente alto, tinha bem mais de um metro e oitenta; ela precisara de esticar o pescoço para ver por cima da cabeça de cabelo castanho bem curto e não perder o rosto do Sr. Morden de vista; no dia anterior também tinha sido assim. Depois de sete semanas daquilo, ela ia precisar de um quiroprático.

O homem levantou-se e acenou-lhe brevemente com a cabeça, esperando que ela saísse da sala de audiências à sua frente. Foi na sua postura que ela reparou: firme, pés afastados meio metro e exatamente paralelos, peso assente nos calcanhares, braços cruzados sobre o peito. Ela nunca tinha visto alguém parecer tão direito, mas tão relaxado ao mesmo tempo.

Qualquer expressão de agradecimento devia ser contida na Sala de Audiências 12, mas parecia-lhe importante manter-se fiel a pequenos hábitos de cortesia em tal companhia. Avançou para a frente do homem com um ligeiro aceno de cabeça e um quase-sorriso, respondendo à exibição pública de educação da parte dele com a sua.

Terça-feira, 3 de fevereiro, 18:00.

Não dura. Claro que não dura. Já é suficientemente espantoso que a mentira sobre a minha doença me tenha conseguido um dia sequer sem estar debaixo do teu olhar. Só se passaram trinta e quatro horas, mas continua a ser o período mais longo que tive longe de ti nas últimas semanas.

Tu dirias que é uma carta de amor. Eu chamo-lhe carta insultuosa. Independentemente do nome que lhe dermos, está pousada sobre a prateleira dentro de um inócuo envelope castanho, muito bem arrumada pela sempre atenta Menina Norton.

Nenhum outro homem consegue fazer-te o que eu consigo.

Nenhum outro homem te amará como eu.

Pela primeira vez, quero que os teus vaticínios se tornem realidade.

Quarta-feira

Quarta-feira, 4 de fevereiro, 08:00.

Quando abro a porta de casa, estás tão perto que inspiro o aroma do teu sabonete e champô. Cheiras a fresco e limpo. Cheiras a maçãs, a lavanda e a bergamota, cheiros de que eu gostaria se não fossem teus.

— Estás melhor, Clarissa?

A justiça não é algo que compreendas. Não é algo que mereças. Mas serei justa falando contigo uma última vez antes de me recusar a voltar a falar contigo. Esta manhã será muito diferente de segunda-feira.

Falo calmamente contigo, numa voz delicada. Não é a primeira vez que digo isto, longe disso. — Não te quero perto de mim. Não quero ver-te. Não quero nada contigo. Nenhuma forma de contacto. Nada de cartas. Nada de presentes. Nada de visitas. Não tornes a vir à minha casa.

O meu discurso é perfeito. Tal como o ensaiei. Afasto-me rapidamente, sem olhar para ti, embora a tua imagem esteja suficientemente nítida na minha cabeça para me providenciar uma descrição testemunhal exata.

Medes um metro e oitenta de altura e tens uma constituição óssea larga. A tua barriga costumava ser lisa, mas deves andar a beber porque agora não é. As tuas ancas também alargaram no decurso do último mês. O teu nariz é comum no borrão da tua cara redonda inchada, que perdeu a definição.

Mais do que qualquer outra coisa, és pálido. Pálido de mente. Pálido de alma. Pálido de corpo. A tua pele é tão pálida que coras facilmente, passando do branco ao vermelho num instante. O teu cabelo castanho-claro é liso e curto, mas não fino. É invulgarmente macio e sedoso para o de um homem. As tuas sobrancelhas são castanhas-claras. Os teus olhos são pálidos, de um azul aguado. São pequenos. Os teus lábios são finos. Também eles são pálidos.

Tocas no meu braço e eu sacudo-te e desço o caminho em direção ao táxi que me espera.

— Vinha ver como estavas — dizes tu, como se eu não tivesse dito nada. — O teu telefone continua desligado — dizes. — Fico preocupado quando não consigo contactar-te — dizes.

Contigo a meu lado, parece-me uma longa caminhada pelo carreiro de roseiras invernais da Menina Norton, mas estou no táxi e devo ter lá chegado rapidamente.

Abro a porta traseira, entro e tento fechá-la, mas tu agarra-la antes que eu consiga fazê-lo.

— Chega-te para lá, Clarissa. Vou contigo. — Estás a dobrar-te. A tua cabeça e o teu torso estão no interior. Consigo sentir o cheiro da tua pasta de dentes. A menta é forte. Provavelmente usaste também um elixir bucal.

A compostura que eu tão cuidadosamente ensaiei dissolve-se. — Este homem não está comigo — digo ao motorista, o mesmo que me veio buscar ontem de manhã. — Não quero que ele entre.

— Pare de a chatear. Saia imediatamente do meu carro, ou chamo a polícia — diz o motorista.

A minha mãe disse-me toda a minha vida adulta que os taxistas assumem como parte do seu trabalho serem protetores; sabem que é por isso que as mulheres pagam táxis. A minha mãe está geralmente certa e eu tenho sorte com este motorista. Na imaginação da minha mãe, os taxistas salvadores heroicos são sempre homens grandes e entroncados.

Este é uma mulher de meia-idade e baixa, mas corpulenta, rija e aparentemente destemida, com um bonito cabelo grisalho curto e espetado que, tenho a certeza, ela nunca sonharia pintar. Ela usa calças de ganga e uma camisola de lã cor de laranja com borbotos. Não te mostra a simpatia e a jovialidade que encheram o seu carro durante a breve viagem de ontem. Está a abrir a própria porta, mostrando-te que está pronta para fazer o que disse.

Tu retiras a cabeça e o torso e ficas a poucos centímetros da porta enquanto eu a fecho com violência e a taxista fecha com violência a dela.

Bates com um punho cerrado no tejadilho. — Como podes tratar-me desta maneira, Clarissa?

A motorista prime um botão para a janela do lugar do pendura, grita-te ameaçadoramente e arranca.

— Clarissa? Clarissa! Eu não mereço isto, Clarissa.

Continuo a recusar-me a olhar para ti. Estou a esforçar-me tanto para seguir o conselho, para fazer isto corretamente. Consigo ver

através da visão periférica que estás a correr ao lado do táxi até ao fim da rua, batendo nas árvores e nos candeeiros à medida que passas por eles. Consigo ouvir-te a chamar pelo meu nome. A motorista está a resmungar baixinho que és um idiota desvairado. Pede-me desculpa pela linguagem e eu peço desculpa por causar tantos incómodos. Dizemos uma à outra que não são necessários pedidos de desculpas, embora eu saiba que ela está simplesmente a ser simpática e que o meu é. Agradeço-lhe por ser tão amável.

Antes de sair do táxi, fico com o cartão dela: é uma potencial testemunha contra ti.

Apesar da película de suor que tenho nas costas e na testa, apesar do frio da manhã, foi um começo de dia bastante bem-sucedido no que respeita a lidar contigo.

Quando me desloco meio atordoada pela estação, o meu novo telefone apita, anunciando que tenho *email*. Olho para o ecrã como uma menina que ousa olhar para um espelho na escuridão, com medo de que surja a cara de um monstro. Para meu espanto, o *email* é da Rowena, que há tanto tempo não dizia nada. Ela vem a Bath esta noite e está a exigir a minha presença num restaurante francês a que nunca fui, mas que o Henry disse uma vez que era horrível. Respondo com um *email*, *Estarei lá*, e dois beijos. Depois desligo o telefone e entro no comboio para Bristol.

É evidente que o banco das testemunhas foi posicionado de modo a que o seu ocupante ficasse virado de frente para o júri. Mas, ainda assim, a mulher parecia tão distante. Em frente dos jurados havia um fosso de orquestra de doze advogados com as suas perucas e becas pretas. Clarissa tinha de olhar por cima de todos para conseguir ver a testemunha.

Era extremamente magra, quase preocupantemente frágil. Maçãs do rosto salientes. Nariz pequeno e direito. Lábios de cereja. Queixo delicado. Sobrancelhas suavemente arqueadas. Pequenas orelhas em concha próprias de uma fada. O cabelo louro-escuro estava preso num curto rabo de cavalo.

Mas quanto mais atentamente Clarissa a observava, mais via que a beleza etérea da mulher estava danificada. Tinha a pele demasiado fina, demasiado transparente. A boca tensa e as rugas marcadas em torno dos enormes olhos verdes estavam em conflito com o palpite de Clarissa de que ela devia ter vinte e muitos anos. Alguma coisa tinha tido consequências negativas sobre ela.

— Ela parece-se contigo — segredou Annie. — Só precisa de ter o cabelo mais comprido e podiam passar por gémeas. Mas ela é a versão má. Ela é dura.

E provavelmente dez anos mais nova do que eu, pensou Clarissa.

A mulher bebericou do copo de água que o oficial de diligências lhe serviu e acenou-lhe fracamente com a cabeça em agradecimento. A sua pele estava tão vazia de sangue que era pouco mais escura do que a gaze branca do top que levava vestido. O top não era suficientemente quente; ela estava provavelmente arrepiada. As mãos tremiam quando ela segurou na *Bíblia*. A voz vacilou quando fez o juramento.

O juiz falou. — Não devem deduzir nada acerca dos réus pela presença do biombo azul que está a bloquear a Menina Lockyer da visão deles. É algo muito habitual em tribunal, simplesmente para fazer as testemunhas sentirem-se mais confortáveis. É só isso que significa.

Clarissa acenou com a cabeça em concordância para o seu banco elevado. Ela podia ver que os outros tinham virado as suas cabeças para a esquerda para fazerem o mesmo. Contudo, ela não tinha a certeza se acreditava nele.

— Esta testemunha vai precisar de uma pausa a cada quarenta e cinco minutos — disse o juiz.

A mulher anuiu-lhe reconhecidamente com a cabeça e então o julgamento começou verdadeiramente. Carlotta Lockyer parecia ser a única pessoa na sala. E embora o Sr. Morden também estivesse a falar, e a fazer perguntas, ele e todos os restantes pareciam desaparecer. Existia apenas a voz da Menina Lockyer.

Comecei a vender droga para o Isaac Sparkle no penúltimo verão, para financiar o meu vício. Uma semana depois tinha fumado tudo sozinha e estava sem dinheiro. Pensei que se ignorasse a situação, e tentasse evitá-lo, o problema desapareceria.

No sábado, vinte e oito de julho, estava a caminhar de regresso a casa. Tinha saído para roubar em lojas, mas não tinha conseguido nada. Estava uma carrinha branca na minha rua, parcialmente em cima do passeio. Quando cheguei junto dela, um dos passadores dele, o Antony Tomlinson, saiu da porta da frente. O Sparkle saiu da parte de trás com um dos seus *dealers*, o Thomas Godfrey.

O Sparkle disse: — Mete-a na maldita carrinha. — Pegaram em mim e obrigaram-me a entrar.

A Sally estava no banco de trás. Ela é uma rapariga trabalhadora, mais uma utilizadora. A carrinha parou cerca de cinco minutos depois.

O Godfrey disse à Sally: — Sai daqui. — As portas traseiras não tinham manípulos. A Sally teve de passar pelo meio dos bancos da frente, por cima do Tomlinson, para depois sair pela porta do pendura. Eu estava a gritar, a implorar-lhes para também me deixarem sair, mas eles seguiram em direção à autoestrada.

O Godfrey mandou-me calar. Bateu-me de lado na cabeça. Depois pegou num daqueles isqueiros verdes descartáveis. A chama estava alta. Encostou-a ao meu brinco direito. Eu senti a argola a aquecer, a arder. Eu estava a chorar. Estava a suplicar-lhe para parar.

Parámos no caminho para ir apanhar mais um homem. Ele entrou na carrinha e disse: — Apanharam-na. Bom. — O condutor da carrinha, o Doleman, disse: — Alguém devia foder-lhe o cu. Ensinar-lhe uma lição.

Levaram-me para um apartamento numa zona pobre de Londres. Sem eletricidade. Tão frio. A única luz vinha de um candeeiro de rua em frente da janela da sala. O rapaz que eles tinham ido buscar pôs o telefone a tocar música. Eles estavam a gritar: — Faz striptease e dança. — Eu implorei-lhes que não me obrigassem. O Godfrey deu-me um soco no estômago. — Vá. — Eu estava a chorar, mas não era propriamente choro; ele tinha-me deixado sem fôlego.

Despi a roupa e dancei. Não consigo descrever o quão humilhada me senti. Como se fosse um animal a fazer habilidades para eles. — Ela não está a fazer nada para mim — disse o Godfrey.

— Vamos ensinar-te um pouco de disciplina, como o meu pai me ensinou a mim — disse o Sparkle.

Eu tive de ficar apoiada numa perna, com os braços esticados para os lados. Continuava nua. Eles estavam a aplaudir e a gritar como se estivessem num jogo de futebol. Olha para as tetas dela a balançarem. Olha para a cona peluda. Eu queria tapar-me, inclinar-me para a frente, mas se baixasse os braços, ou pousasse o pé no chão, seria açoitada com uma vassoura.

Querida tanto a minha roupa. Para os impedir de olhar para mim. E também porque já não usava heroína nem crack há mais tempo do que o habitual e a ressaca faz-nos ter mais frio ainda.

Eles disseram que eu tinha de ganhar a roupa de volta fazendo flexões. Por cada dez flexões recebia uma peça, mas só tinha dez segundos para a vestir. Estavam a contar juntos, a gritar os números. Eu tinha de começar mais dez flexões assim que eles chegavam ao dez. Consegui o sutiã e as cuecas, a t-shirt e as calças de ganga. Não tive tempo para vestir nada como devia ser.

O Tomlinson e o Doleman foram fazer uma ronda pelas discotecas.

Sentaram-me numa cadeira. O Godfrey e o rapaz que eles tinham ido apanhar foram dormir para o sofá, o Sparkle sentou-se na outra cadeira. A porta estava trancada. Eu não me atrevia a mexer-me.

Eram umas três da manhã quando o Tomlinson me agarrou por debaixo dos braços e o Doleman me agarrou nas pernas e me levaram para o quarto. Atiraram-me para cima do colchão e o Tomlinson segurou-me no peito e nos braços enquanto o Doleman me tirava as calças e as cuecas. Eu não parava de dizer não e de lhes implorar para pararem. Mas eles não pararam. Violaram-me.

O Doleman na vagina e o Tomlinson na boca. Depois trocaram de posições. O Doleman disse que usaria uma faca na minha cara se eu o mordesse; obrigou-me a engolir quando se veio. Estiveram sempre a forçar-me, a prender-me.

Quando terminaram, eu disse que precisava de ir à casa de banho e o Tomlinson disse tudo bem, vai. O Tomlinson tinha-se vindo na minha cara. Eu limpei-me às calças de ganga e à t-shirt; eles não me tinham tirado a camisola. Senti ardor quando fiz chichi. Não havia água quente, nem sabonete, nem toalha. Lavei a vagina com água fria e sequei-a às calças.

As minhas cuecas ficaram pegajosas e molhadas assim que as vesti. Estava demasiado escuro para ver, mas estava com medo que fosse sangue e que se me obrigassem a despir outra vez e o vissem, começassem a gozar comigo. Havia um armário independente, por isso escondi as cuecas atrás dele. Vesti as calças e esperei que não houvesse mais sangue para eles verem.

A Menina Lockyer tapou o rosto com as mãos. Os seus ombros tremiam. Ela não emitia qualquer som.

O juiz mandou-os para casa o resto do dia. — Por favor, retirem os réus da divisória para que esta testemunha possa sair — disse ele.

O coração de Clarissa estava a bater muito depressa, como se ela tivesse acabado de assistir a uma cena insuportavelmente tensa de um filme de terror. Ela sabia que devia ter a cara encarnada. As lágrimas tinham estado a transbordar-lhe dos olhos, mas ela resistira a secá-las pois não queria que ninguém reparasse.

Deslocou-se diretamente à casa de banho para se assoar, tirou o casaco do cacifo, desceu apressadamente as escadas e saiu pelas portas giratórias, levantando o rosto para receber a rajada de ar frio. Tinha calcorreado apenas alguns metros quando um carro saiu lentamente do subterrâneo do edifício do tribunal. O veículo parou, bloqueando o pas-

seio, enquanto o condutor esperava para poder virar à esquerda e entrar na estrada.

Alguma coisa fez Clarissa espreitar para o interior. Encostada à janela no banco traseiro estava Carlotta Lockyer a chorar. Os seus olhos cruzaram-se com os de Clarissa, pareceram registar, por breves instantes, uma espécie de reconhecimento perplexo, e o carro avançou suavemente.

Quarta-feira, 4 de fevereiro, 20:00.

Quando abraço a Rowena logo à entrada do restaurante, os seios dela embatem contra mim sem a mínima deformação. São surpreendentemente altos e parecem ter aumentado dois tamanhos.

As primeiras palavras que me dirige são uma resposta à minha pergunta não verbalizada. — Sim. Fiz cirurgia plástica às mamas. — O peito dela está a brilhar, polvilhado com pó cintilante. — Usamos o corpo todos os dias. Temos de nos sentir felizes dentro dele.

A Rowena dirige a sua própria empresa individual. É uma analista de discurso. Olha para cada afirmação de missão, publicidade e logótipo que um negócio produz. Depois diz-lhes que mensagem estão realmente a transmitir. Provavelmente a Rowena trabalhou para um cirurgião plástico e foi seduzida pelos folhetos que era suposto criticar.

— Lá porque temos trinta e oito anos, não quer dizer que temos de parecer ter trinta e oito anos. — Ela está a examinar a cara no espelho compacto e a fazer um ar tão preocupado, que me faz lembrar a rainha da Branca de Neve com o seu terrível espelho. A testa da Rowena é lisa e brilhante. Está dessincronizada com o queixo e as maçãs do rosto.

Quero que a Rowena tenha um ar menos triste e tenso, por isso pergunto-lhe como consegue aquele brilho fresco; um pouco em tom de brincadeira, mas carinhosamente também.

— Emprego uma enorme força de vontade para não levantar de todo as sobrancelhas e para limitar as minhas expressões. Os movimentos provocam-nos rugas.

Ela não é inteligente, disse o Henry.

Há diferentes tipos de inteligência, disse eu.

O Henry também me persegue, mas não tanto como tu. Tu estás a ultrapassá-lo rapidamente.

Apesar da noite gelada e dos passeios escorregadios, a Rowena usa um vestido de veludo roxo-escuro bastante decotado e sem

magas e uns sapatos de salto alto. Parece-me um bocado estranho, porque não é típico da Rowena esforçar-se tanto só por minha causa. Digo-lhe que o vestido é lindo.

— Tantas mulheres ficam presas ao seu visual — diz ela, e eu estou bastante certa de que se refere a mim.

É esta a Rowena que costumava emprestar-me sub-repticiamente a sua roupa favorita, sempre que eu queria usar alguma coisa que a minha mãe não tinha costurado?

Vejo de relance a minha imagem refletida na janela. O meu cabelo está preso no cimo da cabeça com uns travessões prateados geométricos, embora alguns farrapos louros me tenham escapado em redor da cara e do pescoço. O corpete e as mangas do meu vestido cinzento-escuro ficam-me justos, a saia parece a taça invertida de um copo de vinho, a bainha fica logo acima dos joelhos.

A Rowena olha para o seu peito. — Não é só para atrair homens. — A emoção por detrás da última frase é demasiado forte; a boca dela treme enquanto ela se esforça por não a franzir. — É para mim. Devo-o a mim mesma. E estas mamas novas não se mexem nada. São tão firmes e espevitadas que nem sequer preciso de sutiã.

Penso nos réus a gozarem com a Menina Lockyer. *Olha para as tetas dela a balançarem.*

Firme e espevitada não são palavras da Rowena. Quando é que se tornaram?

A Rowena continua, parecendo precisar de se convencer mais a si própria do que a mim. — As mulheres do meu ginásio estão sempre a perguntar: «Quem é que te operou a cara? Quem te operou as mamas?» — Ela fala como se as partes do seu corpo pudessem ser compradas por qualquer pessoa, como se fossem um vestido, ou uma mala novos.

Os réus dizem tetas. A Rowena diz mamas. Eu digo seios. Não sei o que tu dizes. Não quero saber. O que sei é que estas diferenças têm importância.

— É um enorme elogio. Devas experimentar o *Botox*, Clarissa. No mínimo. Se não fizeres alguma coisa depressa, vais acordar uma manhã a parecer um balão murcho.

Ela nem sequer é simpática contigo, disse o Henry.

Ela sente-se à vontade a ser sincera comigo, disse eu.

Vocês não têm nada em comum, disse ele.

Pestanejo com força diversas vezes, como se isto me clareasse a visão de modo a que a Rowena que eu pensava que conhecia regressasse para mim. Esta versão dela aconselharia provavelmente o Henry a fa-

zer um transplante de cabelo. Consigo imaginar a reação dele se ela se atrevesse: o sobrolho desdenhoso e incrédulo que ele ergueria, sem nada dizer. Acho que o Henry é lindo como é, mesmo que ele já não seja meu para eu ter estes pensamentos.

— Vou pensar no assunto. Mas tu estás bem? Recuperaste das operações?

— A única desvantagem é que já não consigo sentir os mamilos. — A Rowena diz isto em tom de gozo, como alguém que está de dieta e desistiu do chocolate, mas que também nunca gostou muito disso. Esforço-me imenso para disfarçar a tristeza que sinto por ela e o meu horror por ela se ter mutilado e ao seu prazer desta maneira. — A cicatriz é bastante chocante. Mas o cirurgião está com esperança de que vá melhorar.

É esta a Rowena que costumava boiar no mar de olhos fechados, cantarolando baixinho e fingindo ser uma sereia, enquanto deixava as correntes embalá-la?

Imagino as aréolas da Rowena cosidas como botões, um anel escuro em torno de cada uma. Por poucos segundos, os meus próprios mamilos parecem arder e formigar. — Claro que vai. Calculo que leve tempo.

Ela observa atentamente a minha cara. — Estás com olheiras. Devias tapá-las. Devias pensar fazer um *lifting* às pálpebras. É muito rejuvenescedor. Irias sentir-te muito melhor contigo mesma. Se as pessoas com quem trabalhas te veem com ar cansado, vão acreditar que estás realmente cansada. Vão acreditar que não és tão eficiente no teu trabalho, que não és profissional.

Muitas mulheres relutam em dizer às outras o que está a passar-se com elas.

Mordo o lábio. — Não ando a dormir muito bem ultimamente, Rowena. É por causa de um homem.

Ela interpreta-me mal. — Quero saber tudo sobre ele. Mas isso pode esperar?

É esta a Rowena que veio a correr de Edimburgo para Londres, para eu poder chorar nos seus braços quando o meu namorado acabou comigo no meu segundo ano de faculdade?

— Claro — digo eu.

Ela só fala sobre si mesma. Não está interessada em ti, disse o Henry.

Mas eu escondi as coisas mais importantes, disse eu, *para tentar segurar-la. Como pode ela estar interessada em mim, quando mantive em segredo as partes essenciais da minha vida?*

Ambos os maridos da Rowena disseram que não queriam filhos e depois deixaram-na para os terem com outras mulheres. Ela nunca me teria perdoado o facto de eu ter tirado o Henry à mulher. Às vezes pergunto-me até se foi a minha culpa pelo que tinha feito que, de alguma forma, me impediu de ter engravidado. A tentativa de fertilização teria certamente enfurecido ainda mais a Rowena. O Henry sabia disso e ajudou-me a esconder o facto, embora tenha resmungado tratar-se de uma amizade desigual.

Ela examina-se rigorosamente outra vez no espelho compacto e eu apercebo-me que os seus casamentos falhados são o que provavelmente a tornou tão suscetível a este culto do plástico. — Achas que fiz a coisa certa com a minha cara? — Ela passa pó sobre as sobrancelhas, que parecem mais elevadas do que eu me recordo.

— Fizeste exatamente a coisa certa. Pareces uma estrela de novela americana. — Isto leva-lhe um quase sorriso aos lábios, que, acabei de reparar, estão mais carnudos. — Se te faz feliz, mais confiante, é isso que importa. É isso que se vê.

Ela acena entusiasticamente com a cabeça em concordância. — É um visual mais firme, mais jovem e esculpido. — O Henry responderia com uma careta, mas eu não o faço.

A empregada de mesa conduz-nos a uma mesa ao canto. Pendurados nas paredes do restaurante estão quadros pseudo *Art Déco* de mulheres nuas, facilmente negligenciados na sala mal iluminada. Sou distraída por um deles, de uma dançarina. Faz-me pensar outra vez nos homens no banco dos acusados e como forçaram a Menina Lockyer a despir-se e a exhibir-se para eles. — O que te fez escolher este sítio?

— Não escolhi.

— Então quem escolheu?

Ela ignora a minha pergunta. — Achas que tem um aspeto natural? — Há um tremor na voz que me faz sentir dó dela.

A luz bruxuleante das velas confere ao rosto frio da Rowena uma ilusão de expressividade, embora eu esteja alarmada com o quão protuberantes ficaram as suas maçãs do rosto e tenha receio de que o que os técnicos de beleza lhes injetaram possam fazer-lhe mal. — Acho. Como se tivesses estado num *spa* muito bom.

É esta a Rowena que costumava brincar com o meu cabelo e fazer-me cócegas nos braços quando dormíamos em casa uma da outra, e depois trocávamos de lugar para eu poder fazer-lhe o mesmo?

— Eu acredito que cada um de nós tem a responsabilidade de estar no seu melhor em todas as idades.

Quem és tu e o que fizeste com a Rowena?, pergunto-lhe em silêncio.

Pego-lhe na mão enfeitada com joias para lhe prender a atenção. — Preciso de falar contigo. É uma coisa muito má.

Ela olha para a entrada do restaurante e é como se alguém tivesse ligado um interruptor: o seu deslumbrante sorriso branco, típico de quem está a ser fotografado, aparece num ápice. Ela não faz o mínimo esforço para o conter.

Sigo o olhar dela e quase me engasgo com a água que acabei de beber. O melodioso jazz francês parece tocar mais alto e a sala mergulha numa escuridão quase total. Terão feito alguma coisa para piorar a iluminação? Porque não consigo processar o que estou a ver.

O que estou a ver és tu. A avançar a passos largos na minha direcção como se fosse a coisa mais normal do mundo.

Não havia sinal de ti quando saí do apartamento. Nenhum sinal de ti quando o táxi me largou. Nenhum sinal de ti até este momento. Como deduziste que eu estava aqui? Só a Rowena sabia.

Estás a sorrir abertamente. Pareces radiantemente feliz, tão feliz que sou surpreendida por uma pequena ponta de tristeza pelo facto de ter de ser eu a estragar essa tua felicidade desmedida. Algo que me obrigas a fazer vezes sem conta. Não sabes o quão extenuante isso é? Não te cansa também?

Estás a mexer a boca, a dizer palavras que não entendo. Estás ao lado da Rowena. Estás a dobrar-te para a beijares na face.

— N-n-não lhe toques. — Eu nunca gaguejei, mas, por alguns segundos, faço-o. — V-vai-te embora.

A Rowena puxa a cadeira ao seu lado num gesto de boas-vindas. — O Rafe vai fazer-nos companhia.

Como é que ela pode saber o teu nome? Nada disto está a fazer sentido. — Ele não pode.

— Eu convidei-o. — A Rowena põe a mão em cima da tua. Tu és o primeiro a quebrar o contacto, mas ela parece não reparar. — Senta-te, Rafe.

O meu impulso de fuga quase me faz saltar da cadeira, mas eu não quero deixar a Rowena sozinha contigo e ela não tem ar de quem irá seguir-me daqui para fora tão cedo.

— Se tens a certeza. — Tu pousas o casaco nas costas da cadeira, recusando a oferta da empregada de mesa para to pendurar. Estou certa de que há algo nos bolsos que não queres arriscar ser descoberto. Também estou certa de que queres manter as tuas coisas por perto para poderes agarrá-las rapidamente e me sequeires quando eu fugir.

Olho apenas para a Rowena, como se ela fosse uma tábua de salvação a que tenho de me agarrar. — Não entendo.

— Queríamos fazer-te uma surpresa. — A Rowena ajeita o seu cabelo castanho de madeixas cuidadosamente pintadas.

Eu obrigo-me a usar o cérebro e rapidamente. Estou perplexa com o facto de teres ligado a Rowena a mim. Deve ter sido aquela cerimónia de entrega de prémios a mulheres de negócios há oito anos. A Rowena estava nessa altura entre casamentos, por isso eu fui com ela. Quando chamaram o nome dela, aplaudi com tanta força que fiquei com as palmas das mãos a arder; sorri tanto que fiquei com o maxilar dorido. Tinham tirado uma foto de nós as duas juntas e os nossos nomes tinham sido mencionados na legenda. É a única coisa que aparece sobre mim numa busca na internet.

— Pensávamos que ficarias entusiasmada por nos conhecermos. — A Rowena parece magoada, mas o horror que sinto de ti é ainda mais forte do que a minha inclinação habitual para a confortar e tranquilizar.

— Como? — A minha visão está a desfocar-se nesta sala disparadamente escura. — Como é que se conhecem?

— Encontrámo-nos pela primeira vez cara a cara hoje ao almoço. Mas andámos a trocar *emails* nos últimos dois meses. É espantoso o quanto podemos aproximar-nos de uma pessoa quando nos escrevemos com ela. — Ela faz sinal com a mão à empregada de mesa que se aproxima para se ir embora. — O Rafe segue o meu blogue de trabalho. Ele diz aos alunos que o leiam para melhorarem a empregabilidade. Mas ele reparou numa referência às minhas ambições criativas no meu perfil, por isso entrou em contacto comigo. Está a aconselhar-me naquela autobiografia que eu sempre quis escrever.

O sangue pulsa-me atrás dos olhos. — Ele perseguiu-te virtualmente.

— Isso é melodramático. E paranoico. — Ela pede-te desculpas. — A Clarissa não estava a falar a sério.

— Estava, sim. — Está tudo coberto de sombras. Abano várias vezes a cabeça para tentar clareá-la e depois obrigo-me a concentrar-me em ti, precisamente o que odeio fazer. — Tu não percebes nada de escrita de autobiografias. És apenas um crítico literário. — Digo as duas últimas palavras como se fossem o pior insulto que me ocorreu.

— Tenho uma série de talentos e de interesses que ainda não descobriste, Clarissa.

Lá estás tu outra vez. A finalizar cada frase com o meu nome do

teu modo esquisito. Porque é que a Rowena não vê o quão esquisito isso é? Um soluço escapa-me da garganta antes que eu consiga impedi-lo. — Não precisas dele, Rowena. Podes inscrever-te num grupo de escrita. Ele está a usar-te para me atingir.

— Nem tudo gira à tua volta. Isso é tão incredivelmente arrogante. Para não dizer ridículo. O Rafe e eu descobrimos apenas há umas semanas que te temos em comum.

Fecho os olhos com força, depois volto a abri-los sem me preocupar com o quão peculiar devo parecer. — Que coincidência.

— Não é, Clarissa — dizes tu.

— Ambos gostamos de ti — diz a Rowena.

— Muito — dizes tu.

— Ele disse-te o que se passou hoje de manhã? Quando ele estava à espera à porta da minha casa? Quando a taxista teve de o ameaçar com a polícia? Quando ele sabia que eu não queria que ele estivesse ali?

Estás a abanar a cabeça numa pantomina do quão magoado estás e mal-interpretado és. A tua representação é nítida, mesmo através da névoa cerrada desta sala horrível. — Clarissa — dizes. — Oh, Clarissa. Como podes pensar assim?

Mal consigo conter-me para não te atirar à cara a água gelada do jarro aqui perto.

A Rowena toca no teu braço. — O Rafe está preocupado contigo. Foi por isso que eu vim até cá.

Não me escapa a ironia de que foi apenas por tua causa que ela entrou em contacto comigo após dois anos de silêncio.

Ela está a olhar para mim com desapontamento. — Ele disse-me que não andas bem ultimamente. Que tens andado a comportar-te de modo estranho no trabalho. Eu pedi-lhe para te manter debaixo de olho até eu chegar cá. Nunca me passou pela cabeça que serias tão antipática para ele.

Uma veia lateja na minha testa no momento em que compreendo inteiramente a quanto trabalho te deste para armares isto, quanto tempo passaste a conspirar e a manipular, quanto planeamento antecipado fizeste, quanta paciência e disciplina impuseste sobre ti próprio à espera desta noite. A Rowena foi o alvo ideal para ti. Ela está visivelmente magoada, a sua vulnerabilidade e desespero gravados nos seios e rosto novos. Tu preparaste-a. Manipulaste-a completamente. Seduziste-a mesmo.

Se tiverem amigos em comum, ele pode virá-los contra si,

menosprezando as suas preocupações, ou alegando que se comportou de modo intempestivo com ele.

É como se tivesses lido também os folhetos sobre assédio e estivesse a usar todos os seus conselhos contra mim. Não temos amigos em comum, por isso resolveste transformar a Rowena num.

A minha garganta está apertada, mas a minha visão está a limpar. — Não foi nada assim.

Agora estás a sorrir maliciosamente, a divertir-te: duas mulheres a discutirem por tua causa. Colocaste-me numa posição em que sou obrigada a falar contigo, a olhar para ti e a prestar-te atenção. Já me forçaste a quebrar a resolução de silêncio que tinha tomado ainda esta manhã.

— Não podes não acreditar em mim, Rowena. — Se a minha própria amiga confia mais na tua história do que na minha, se ela acha realmente que és plausível, então não existe esperança de que a polícia alguma vez me leve a sério. Também não existe esperança para a Menina Lockyer.

Estás a chupar uma azeitona, a observar-me. Tiras o caroço da boca lentamente, sensualmente. Há um brilho de azeite nos teus lábios. Provoca-me um arrepio e eu desvio rapidamente o olhar, desejando que a minha visão não tivesse passado subitamente para este estado de hiperacuidade.

A Rowena bate-me suavemente na mão. — Mudemos de assunto, Clarissa, e vamos pôr a noite de novo nos eixos. Sempre me incentivaste a ser criativa e o Rafe ajudou-me a começar a escrever sobre a minha infância. Pensei que ias ficar contente. Eu contei-lhe as coisas que costumávamos fazer quando éramos adolescentes. Tenho estado a escrever sobre quando aquela rapariga te deu uma tarefa à beira-mar. Lembras-te o quão horrível aquele polícia foi para ti depois?

Há um aquecedor na parede atrás de mim, mas estou a tremer dentro do meu vestido de lã. Estou a ficar com os braços arrepiados. A pessoa a quem menos queria ser exposta sabe agora todos os pormenores da história que eu menos queria revelar. Abro a boca para falar, mas não me sai nada.

A Rowena está demasiado entusiasmada para reparar. — O segredo está nos detalhes. É isso que o Rafe tem estado a arrancar de mim. Lembras-te como te levei para casa e te limpei?

— Sim — digo em voz baixa. — Ninguém poderia ter-me ajudado como tu ajudaste.

— É uma história fantástica. A Clarissa vai sentir orgulho de ti quando a ler.

Eu estava capaz de te dar um pontapé por debaixo da mesa, mas não quero tocar-te nem sequer com a minha bota e não vou deixar-te provar à Rowena que estou desequilibrada. Para meu espanto, tu levantas-te. Por um segundo de impensada esperança eu penso realmente que te vais embora. Mas claro que não vais. Vais só até ao bar.

Estou de pé, pronta para me ir embora, mas volto a sentar-me quase imediatamente. Não seria capaz de abandonar o meu pior inimigo contigo, quanto mais a minha maior amiga, embora neste momento a Rowena esteja a agir mais como o primeiro do que como o segundo. Independentemente do que a Rowena seja, sou filha dos meus pais; eles ensinaram-me muito bem a importância de sermos leais para com os amigos e a família, mesmo quando (especialmente quando) essa lealdade é posta à prova. A Rowena que eu amava ainda deve estar ali dentro, embora neste momento esteja enterrada tão fundo que não sei se alguma vez conseguirei reencontrá-la, nem sequer se quero tentar. É como se ela te tivesse oferecido uma visita guiada pela minha gaveta de roupa interior. Mas eu sei que preciso de soar calma, se quero ter alguma hipótese de conseguir chegar a ela. — Não quero que lhe fales de mim. Por favor, não o faças.

— É a minha história. Tu só estás lá por acaso. Não tens o direito de me impor regras.

— Tu podes querê-lo aqui, mas eu não quero. Deixei-lhe isso bem claro. Qualquer homem normal respeitaria os meus desejos. Não entendes isso?

Ela não responde. Por um instante, penso que ela entende. As orelhas da Rowena ficam sempre vermelhas quando ela está transtornada e é isso que está a acontecer neste momento. A cor intensa faz-me reparar nas cicatrizes mesmo à frente e eu desvio o olhar para que ela não me veja a ver.

— Ele manipulou-me a vir até aqui. Ele sabia que eu nunca viria se me disseses que ele nos ia fazer companhia. Não achas que é estranho ele ter-te pedido para guardares segredo?

Ela hesita, ponderando, mas luta com as dúvidas que possa estar a começar a ter sobre ti e cospe a palavra: — Não.

Não quero dizer o que me sai da boca em seguida, mas sei que preciso. — Ele não está nada interessado em ti.

Os lábios da Rowena encaracolam-se com raiva descrente. — Nem todos os homens deste planeta estão apaixonados por ti. Não podes ficar com todos. — Talvez ela tenha adivinhado a verdade acer-

ca do Henry. Talvez tu lha tenhas dito. Provavelmente deixaste simplesmente escapar por acaso enquanto conversavam sobre outra coisa qualquer. É exatamente o tipo de coisa que tu farias.

— O que ele faz não é amar. É o oposto de amor. — Estou a falar suavemente, o mais afetuosamente que consigo. — É como se ele estivesse a tentar roubar-me. E agora está a roubar-te de mim.

— Não sou tua para ele me roubar. Há anos que não és verdadeira comigo. És tão cheia de segredos que já mal te conheço. Não entendes o quanto isso me magoa? — A voz dela falha na última frase.

Coloco a mão sobre a dela, comovida com este vislumbre da necessidade que a velha Rowena tem de mim. — Eu sei. E arrependo-me disso. Mas neste momento estou a tentar impedir que te magoes. É esse o único motivo por que estou aqui sentada, quando tudo o que quero é fugir por aquela porta. Ele sabe isso. Foi por isso que armou isto.

Ela puxa a mão para trás. — Que generoso e altruísta da tua parte. — A voz dela é fria, clara. — Tu não o queres. Por isso deixa-o para mim.

— Ele é perigoso. Está a fazer da minha vida um inferno. Era sobre isso que eu queria falar contigo. É difícil para mim confiar isto a alguém. Estava capaz de ligar para a polícia para fazer queixa dele neste instante, mas tu não me apoiarias, pois não?

— Estás a ser histérica. Ele é um convidado. Eu acho realmente que estás doente. Fiquei a conhecê-lo bem.

— Não fazes ideia de como ele é. Ele está só a usar-te para me espiar.

— És a mulher mais egocêntrica que conheço.

Já estás de volta, bem como o teu sorriso malicioso. — *Bellinis* de pêssego — anuncias orgulhosamente. — O especial desta noite. O barman daqui é ótimo. Foi por isso que sugeri este lugar.

A Rowena anima-se outra vez. — Adoro *Bellinis*. — Ela gosta verdadeiramente de ti.

Tento ver-te como a Rowena te vê. O Henry achava que eras um palhaço, mas admitia que por vezes as alunas se apaixonavam por ti. Esta noite vestes calças de ganga pretas e uma camisa azul-escura, desfraldada. É o meu tom preferido de azul. Azul carregado. Gosto realmente do que trazes vestido. Ocorre-me que o Henry se vestia assim às vezes e que estás a copiá-lo propositadamente.

Pousas os *Bellinis* na mesa e uma garrafa de cerveja francesa para ti. — Agora vamos todos divertir-nos. — Mas já estás a divertir-te: a maior diversão que já tiveste desde novembro. — Espero que tam-

bém gastes de *Bellinis*, Clarissa. — Olhas para mim e de seguida para a mulher nua na parede acima da mesa.

Ela está sentada num banco, as pernas unidas pelos joelhos para impedir que seja demasiado pornográfico. Usa um cinto de ligas, meias, saltos altos e mais nada. Tem um pingalim sobre o colo. Apontas para o quadro e contorces a cara numa careta de falso embaraço. — Desculpem. Tinha-me esquecido da decoração daqui. — Mas tu e eu sabemos que te excitas com esta pornografia pública: em ver-me rodeada por estas imagens. Foi por isso que escolheste este sítio.

— Eu acho lindo. De bom gosto. — Rowena estende a mão para pegar no seu copo.

Penso uma vez mais no vinho que me deste a beber em novembro. — Não bebas isso. — Agarro na mão dela, mas ela encolhe-a. Tento de novo e ela bate-me no pulso, com força, e pega no copo. Após uma luta absurda, entorno o *Bellini* de pêssego dela por cima do cesto com tostas de baguete.

— Estás louca, Clarissa — diz ela. — Não posso acreditar que fizeste isso.

— Eu acho que a Clarissa não está bem. — Consegues parecer pesaroso. — Ela precisa da nossa compreensão e do nosso apoio.

— Ela precisa de ajuda profissional — diz a Rowena.

Eu pego no outro *Bellini* de pêssego. Não quero deixá-lo em cima da mesa, agora que fiz com que a Rowena ficasse tão decidida a bebê-lo. Tiro a minha mala e o casaco das costas da cadeira. Como tu (por tua causa), tenho o hábito de manter as minhas coisas por perto, para poder fazer uma retirada rápida. Pondero sair a correr do restaurante, mas sei que tu virás atrás de mim e que acabarei sozinha contigo na rua escura. Só me ocorre um lugar onde posso chamar um táxi e esconder-me até ele chegar. E tenho um plano, formado toscamente apenas nos últimos segundos. Consiste em enfrentar-te uma vez mais, sozinha, mas é relativamente seguro e por causa da Rowena não vejo alternativa.

Tu comesças a levantar-te e a minha mão sobe disparada em sinal de aviso, como a de um polícia sinaleiro. — Não te atrevas a seguir-me. — Conto contigo para ignorares os meus desejos. Ignoras sempre. Falo tão alto, que as pessoas das mesas circundantes olham fixamente. Eu dirijo um adeus sufocado à Rowena, mas ela não responde. Dirijo-me apressadamente para as escadas de metal que serpenteiam até à cave, onde se encontra a casa de banho.

Há outro quadro de pretensa *Art Déco* aqui em baixo, à porta da casa de banho. Este é com um homem e uma mulher juntos, para

mostrar que a casa de banho é unissexo. Conforme a restante arte, estão ambos nus. Ele está de pé a olhar para baixo, para ela. Ela está de joelhos diante dele. A vista dela é de trás; a cabeça dela tapa o centro do corpo dele.

Seguindo a última moda, a casa de banho é tão mal iluminada que me sinto cega de novo. Dirijo-me a um dos cubículos, despejando de caminho o Bellini de pêsego no lavatório cromado. O cubículo tem o tipo de porta sem brechas no topo e no fundo, por isso não há hipótese de tu rastejares por debaixo, nem de espreitares por cima. Telefono a pedir um táxi. A telefonista diz-me que chegará um motorista dentro de dez minutos. Planeio manter-me atrás desta porta trancada durante os primeiros nove.

Quando saio, estás à minha espera, tal como eu esperava. Estás a barrar a saída. O fumo enjoativo do incenso que estão a queimar aqui em baixo torna difícil a respiração, e tu estás a tapar a pouca luz que existe. A minha cabeça lateja, provavelmente do esforço visual, ou talvez porque esteja a ser sufocada por uma névoa venenosa de jasmim artificial. Lembro a mim própria que o taxista deve estar a entrar a qualquer instante no restaurante a perguntar por mim. Calculei, antes de descer, que era muito provável alguém entrar aqui, por isso não me parece que arrisques fazer algo demasiado descontrolado. Ainda assim, não quero ficar presa aqui o tempo suficiente para descobrir; ensaiei este confronto contigo da forma mais exata possível, deixando o mínimo tempo possível para dizer o que preciso sem que a Rowena escute.

Vou direta ao ponto. — Não vou voltar a aproximar-me da Rowena. Passa com ela o tempo que quiseres. Não me interessa. Não vai ajudar-te a chegares perto de mim. — Conheço-te. Sei que a Rowena não corre nenhum perigo real contigo. A Rowena está a atirar-se a ti. Tu não estás interessado em mulheres que te querem. Só naquelas que nitidamente não te querem.

— Eu preocupo-me com o que tu te preocupas, Clarissa. Quero que os teus amigos sejam meus amigos. Quero ajudar a Rowena. Por ti, Clarissa. Só estou interessado nela porque tu estás. Não sejas ciumenta.

— Não sou... — A tua última afirmação é tão descabida que começo a negá-la, mas consigo, de alguma forma, conter o final da frase. Recomeço, tentando soar indiferente e fria. — A Rowena e eu afastámo-nos. Ela já não me interessa. Já nem sequer gosto dela.

Assim que as traições forçadas saem da minha boca, quero negá-las. Mas não posso, apesar da pontada de dor pela Rowena. É-me

impossível tentar ajudá-la como uma amiga devia fazer. Ou ela a mim. Não agora, que te apoderaste dela. Dizer estas coisas é tudo o que posso fazer por ela: preciso de garantir que ela não te serve para nada. Mas ela não vai agradecer-me por isto.

Dou um pequeno passo em direção à porta. — Sai do meu caminho.

Não te mexes.

— Se não saíres do meu caminho, vou obrigar-te. — Soa-me ridículo assim que o digo. Ambos sabemos que não consigo obrigar-te a fazer nada.

Tu sorris indulgentemente. — És encantadora quando estás zangada, Clarissa.

A minha mão está a fechar-se sobre o dispensador de sabonete em vidro fosco. É pesado. É tão burlesco como tudo o resto nesta supostamente atmosférica casa de banho unissexo irritantemente moderna.

— Agrada-me que sintas ciúmes, Clarissa. Tenho vontade de tirar esses ganchos do teu cabelo, passar os dedos por ele e beijar-te. Quero ver o que trazes debaixo desse vestido.

Levanto o dispensador de sabonete como se fosse uma arma.

Tu ris-te às gargalhadas. — Nunca conseguirias magoar-me, Clarissa. Sabes disso.

A minha mão para de fazer o que supostamente as mãos fazem. O dispensador de sabonete escorrega-me dos dedos e estilhaça-se como uma bomba no chão de ladrilhos monocromáticos no preciso momento em que a porta da casa de banho bate contra ti, empurrada pela Rowena. Tu tropeças e de seguida derrapas na miscelânea de líquido e vidro, e só não caís porque te agarras ao lavatório. A noite toda tem sido um pesadelo surreal, mas a coreografia não intencional provocada pela entrada da Rowena é digna de uma arlequinada.

— Tenho de ir, Rowena.

Ela parece não saber o que fazer. Por um instante, a sua expressão suaviza e os olhos enchem-se de lágrimas que ela consegue conter. Depois diz: — Ninguém te impede.

Eu subo cambaleante as escadas em caracol, saio do restaurante e entro no táxi que está à minha espera. Os meus lábios sabem a sal porque estou a chorar; apercebo-me de que devo ter estado a mordê-los, porque as lágrimas estão a fazer-mos arder. A Rowena está perdida para mim. Perdida para si mesma. Vi isso nos meus primeiros minutos com ela. Mesmo antes de teres entrado e feito o que fizeste.

Quinta-feira

Quinta-feira, 5 de fevereiro, 08:02.

Esta manhã, está outro envelope enviado por ti à minha espera sobre o tapete à entrada da porta de casa. Deves tê-lo enfiado muito cedo pela ranhura, para a Menina Norton não ter reparado. Percorro rapidamente o caminho de acesso até ao táxi, aliviada por, pelo menos, não estares aqui.

No momento em que o táxi desce a encosta sinuosa, ligo para o hotel da Rowena. Ela volta hoje para Londres. Para fora do teu alcance, espero. Mas também para fora do meu.

Ela atende com um indistinto: — Estou?

— Sou eu.

— Ele não está aqui, se é por isso que estás a ligar. Ele só ficou no restaurante o tempo suficiente para me dizer que já não pode ajudar-me com a minha escrita, nem ter nada a ver comigo. Ele disse que não se vai intrometer entre duas amigas de toda a vida.

Mas já te intrometeste: a Rowena bate com o auscultador e a linha emudece.

Pelo menos sei que ela está em segurança. Pelo menos afastaste-te dela como eu previ. Conseguiste o que querias. Conseguiste tudo o que ela podia dar-te de mim.

Abro o envelope. No interior está um bilhete para o ballet. Espetáculo desta noite. E uma carta.

Deves estar stressada, Clarissa. Sei que não tencionas tratar-me indelicadamente. Não podes ter pretendido dizer as coisas cruéis que disseste. Só quero fazer-te feliz. Queria que a noite de ontem fosse especial para ti, reconciliando-te com a tua amiga, mas vejo que me equivoquei. Prometo nunca mais ver a Rowena. Por favor, deixa-me compensar-te levando-te a sair. Sozinha. Só nós os dois. Sou todo teu. Nada de paus de cabeloira. Sei que vais adorar a Cinderela de

Prokofiev. Partilhamos tantas coisas, Clarissa. Encontra-te comigo no foyer às sete. Não te esqueças do bilhete! Primeiro tomamos uma bebida. E depois fazemos um jantar tardio.
Amor, Rafe.

Eu mal sei por onde começar a rasgar a loucura que é a tua carta. Não ouves as coisas que te digo — não, não e não — vezes sem conta? Acho que não deves interiorizar; estás tomado de um tipo louco de raciocínio inconstante, até mesmo de uma assustadora sinceridade.

Andaste a vasculhar os meus CD e os meus DVD quando estiveste no meu apartamento? Porque estás certo, adivinhaste que eu adoro aquele ballet. Mas não te passa pela cabeça como o iria odiar contigo. Vindo de um homem diferente, o gesto poderia ter sido simpático. Poderia ter sido romântico. Mas não vindo de ti. O homem que explorou a minha mais velha amiga e a virou contra mim. Vindo de ti, este bilhete é uma agressão, não um presente. Com certeza deves saber, lá no fundo, que não vais sentar-te ao meu lado no teatro esta noite.

Mas não consigo afastar o receio do que farás quando a cortina subir e eu não estiver lá. Não consigo evitar imaginar-te de pé no chão ladrilhado, a contemplares-te no requintado espelho dourado, à espera, furioso e transtornado quando eu não aparecer, o homem atrás do balcão de recolha de bilhetes reparando em ti, calculando que te deixaram pendurado.

Já foste um bebé. O que poderia ter-te acontecido para te tornares assim?

— **E**stá em condições de continuar esta manhã, Menina Lockyer? — O Sr. Morden parecia triste e preocupado. A sua voz era suave e cavalheiresca.

Os réus olhavam todos fixamente em frente, os seus rostos inexpressivos, muito quietos no seu lustroso banco de madeira, em cadeiras que estavam cobertas com os mesmos estofos de tecido azul-real dos jurados e dos advogados. Era tudo muito azul, à exceção do cabedal castanho-escuro do juiz.

— Estou bem. Obrigada. — Ela falava como se a conversa fosse apenas entre os dois. Clarissa viu então que a voz dela podia ser bonita, em circunstâncias diferentes.

— Sei que o dia de ontem foi muito difícil para si.

O cabelo da Menina Lockyer estava preso em dois rabos de cavalo baixos, como o de uma menina. Ela puxou um deles.

— Pode, por favor, dizer aos jurados o que aconteceu em seguida?

A voz dela era decidida e desembaraçada. — Regressei para dentro do quarto. Sei que pode parecer estranho eu ter voltado a deitar-me na cama com os dois homens que tinham acabado de me violar, mas pensei que, se não voltasse, eles iriam à minha procura e que isso seria pior. Encolhi-me ao canto da cama, numa espécie de bola, abraçando-me. Não podem imaginar como aquele apartamento era frio. Eles tinham o peso em cima do edredão, por isso só consegui puxar um bocadinho para cima de mim. Tinha medo que se o puxasse de mais, eles acordassem. Passei pelas brasas, tal era o cansaço, mas estava constantemente a acordar sobressaltada. Então amanheceu e o Sparkle veio, parou à porta e fez-me sinal para o seguir para a sala.

**Terça-feira, 11 de novembro, 09:00.
(Três Meses Antes)**

É a manhã a seguir à festa de lançamento do teu livro. Estou a lutar para sair de um pesadelo, a debater-me para me libertar de um lugar muito sombrio. Estou na minha própria cama, deitada de lado, de costas para ti. Tu tens a frente do teu corpo pressionada contra mim, encaixando-me, e consigo sentir a tua ereção. A tua mão está sobre o meu seio, colada a ele como uma ventosa. Estás a beijar-me a parte posterior do pescoço e a sussurrar-me que tens estado a ver-me dormir. Estás a apertar-me tanto que tenho de me esforçar bastante para me contorcer para fora dos teus braços e apanhar o meu vestido do chão para me tapar enquanto corro para a casa de banho para vomitar. Quando termino, agarrada ao lavatório para me equilibrar, olho para baixo, para o meu corpo. Manchas de sangue secaram no interior das minhas coxas, onde estão marcas vermelhas em que não quero pensar. Vão transformar-se em nódoas negras no dia seguinte. Os meus lábios, os meus pulsos e os meus tornozelos estão esfolados. O meu cabelo está emaranhado. Os olhos doem-me demasiado. Desligo as luzes. Coloco-me debaixo do duche quente no escuro, ponho champô no cabelo e ensaboo cada milímetro de pele. Arde-me, quando me lavo entre as pernas. Escovo os dentes e passo fio dentário. Dói-me o maxilar. A última coisa de que consigo lembrar-me é de ti a despirm-me o vestido. Depois disso, é só escuridão. A porta da casa de banho está trancada atrás de mim. Ignoro as tuas pancadas repetidas e as perguntas de preocupação vindas do exterior. Mais para o final dessa tarde, preciso de uma consulta de urgência no médico

para conseguir antibióticos para uma infecção na bexiga. Depois fico doente três dias: tenho uma dor de cabeça latejante que se recusa a desaparecer; vomito e vomito até não restar nada a não ser bilis; durmo e durmo. Por mais que durma, não consigo acordar.

A Menina Lockyer começou a ofegar. Abruptamente, dramaticamente, a sua pele empalideceu. Era fácil ver isto à clara luz que entrava pelo teto de vidro abobadado da Sala de Audiências 12 e pela fiada de janelas na parede atrás de Clarissa; as únicas janelas da sala e demasiado altas para permitir olhar através delas. Podia ter sido um salão de baile. Talvez tenha sido, há muito tempo.

— Preciso de uma pausa. Desculpem. Preciso de uma pausa. — A Menina Lockyer tapou o rosto.

Estavam sentados na pequena sala de espera sem janelas mesmo à saída da Sala de Audiências 12.

— Ela não vai regressar — disse Annie.

Clarissa disse suavemente: — Tenho a certeza que vai regressar.

Annie revirou os olhos castanhos ilusoriamente meigos, sacudiu o cabelo preto brilhante e encheu de ar as bochechas rosadas. Debaixo das luzes artificiais, a pele cremosa era vagamente amarela.

— Provavelmente tens razão — disse rapidamente Clarissa. — Tu estás sempre a observar. Eu escrevo de mais. Tiro demasiados apontamentos. Provavelmente estarei a perder alguma coisa por não estar a olhar.

A cara de Annie era querubínica e em formato de coração. Os seus traços angelicais pareceram relaxar um pouco. Ela bateu suavemente com o dedo indicador no seu pequeno queixo amoroso. — O que pensava ela que ia acontecer quando lhes roubou aquela droga?

Clarissa pegou numa revista de costura japonesa. Havia uma camisa de noite com um corpete cruzado de que ela gostava bastante; ela tinha alguma seda azul-arroxeadada que iria usar. Faria duas, e enviaria uma a Rowena assim que conseguisse tirar Rafe da sua vida.

— A minha mulher costumava costurar.

O proprietário daquela voz devia ter reparado no que ela estava a ver. A cara dela enrubescou e ela fechou apressadamente a revista. Na cadeira em frente estava um homem alto que se sentava à frente dela no banco dos jurados. Ela gostava do seu cabelo castanho-escuro, tão curto que ela se indagava se ele estaria no exército; nos últimos dois dias, ela

tinha passado muito tempo com aquele cabelo à frente dos seus olhos; a sua impressão era que devia ser áspero.

— E já não o faz? — perguntou ela.

O queixo dele, forte, anguloso e tão diferente do de Henry, retesou quase impercetivelmente. Ela teve a impressão de que ele estava a ponderar o que lhe dizer, embora a pausa dele parecesse provavelmente mais longa do que era realmente. — Ela morreu. Há dois anos.

— Oh... lamento imenso.

O nome dele era Robert. Ela disse-lhe o próprio nome no momento em que a porta da Sala de Audiências 12 se abriu e o oficial de diligências os convidou de novo a entrar. Ela levantou-se e pôs-se em fila com os restantes, mas a voz de Robert depressa a fez virar-se para trás.

— Deixou isto em cima da cadeira. — Ele estava a estender-lhe a revista de costura japonesa. A camisa de noite que ela estivera a examinar (muito bonita, mas um pouco reveladora) estava na capa, pendurada de encontro a um guarda-roupa de madeira. A imagem fora tapada pela grande mão dele. Ela mordeu ligeiramente o lábio e abanou a cabeça, ironicamente envergonhada e simultaneamente surpreendida por dar por si a reparar no quão simétricos eram os lábios dele e que eram perfeitos: não eram demasiado grandes, nem demasiado pequenos, não eram demasiado encarnados, nem demasiado pálidos, mas perfeitamente equilibrados. Os olhos dele eram do azul-safira mais claro que ela já tinha visto em olhos humanos. Ela pensou que poderia cegar se olhasse demasiado tempo para eles.

Apesar dos impressionantes traços dele, o rosto era neutro, talvez até inexpressivo. — Acho que tem razão — disse ele. — Acho que ela vai regressar.

E regressou, embora os seus olhos estivessem orlados a vermelho e ela tivesse precisado de engolir em seco diversas vezes enquanto falava.

— Eles obrigaram-me a deitar no chão. Atiraram uma colcha para cima de mim. Começaram... a dar-me pontapés, a bater-me. Eu estava encolhida numa bola, a tentar proteger os seios, a cabeça. Pensei que iam mesmo matar-me, e que me tinham tapado a cara para não terem de me ver enquanto o faziam. Comecei a gritar que ia ligar ao meu avô, que ele ia dar-me o dinheiro.

»O Sparkle tirou a colcha e entregou-me o meu telefone. «Liga», disse ele. Eu disse ao meu avô que estava desesperada, que precisava de mil e quinhentas libras, mas ele disse que não. Pensei que eles iam começar

a bater-me outra vez, mas o Sparkle disse que eu podia compensá-lo a traficar para ele. Deu-me droga no valor de trezentas libras para eu poder começar. Depois levou-me até à estação de caminhos de ferro e deixou-me ir.

Quinta-feira, 5 de fevereiro, 20:30.

Às oito e meia, a campainha da porta toca. E toca e toca e toca. Sei desde esta manhã que virias atrás de mim por te ter deixado sozinho no ballet. Não atendo, claro. Mas experimento: tiro o auscultador do intercomunicador do descanso, mas não consigo desativar a campainha; pior ainda, a tua voz é agora incessante. Sem uma palavra, volto a colocar o auscultador no lugar e recuso-me a pegar-lhe novamente.

Vou para o meu quarto e pego no auscultador do telefone fixo. Primo uma vez o 1. Primo duas. Recordando o telefonema que fiz para a linha de emergência na última sexta-feira, paro antes de premir o 2.

Tenho de novo quinze anos e estou a denunciar o roubo da mala. A agente policial está a bombardear-me com as suas perguntas e eu estou a desejar que os meus pais estivessem ao meu lado em vez de estarem na sala de espera com a Rowena e os vociferantes familiares de criminosos. Tinha a minha mala sido realmente roubada? Talvez eu a tivesse simplesmente perdido e estivesse com medo de contar a verdade aos meus pais? Decerto ficariam transtornados com as despesas e os inconvenientes que tal descuido provocaria: mudar a fechadura da porta, substituir os livros escolares, dar-me mais dinheiro para os almoços? Eu disse que os meus pais nunca se preocupariam com coisas dessas. Disse que nunca sentiria medo deles. Disse que eles só se preocupavam com a minha segurança. A incredulidade da agente policial parecia aprofundar-se a cada palavra que eu dizia. Consegui convencê-la a deixar entrar a Rowena, mas a agente policial considerou-a uma testemunha duvidosa, uma amiga leal em cuja confirmação da minha história não se podia confiar.

Eles não encontraram a rapariga que me agrediu. Claro que não. Duvido até que a tenham procurado.

A polícia não pode agir, a não ser que haja indícios de que foi cometido um crime.

Primo o botão encarnado em vez do número 2 e atiro o auscultador para cima da cama, sabendo que ainda não posso ir à polícia. Ainda não tenho indícios suficientes. E quando eles cá chegassem, tu já te terias ido embora e eles não me levariam a sério. Não és suficiente-

mente estúpido para os deixares apanharem-te à minha porta. Talvez me acusassem até de fazer a polícia perder tempo, por fazer mais um telefonema inapropriado para o 112, apenas seis dias após o último. Jamais pensei que és um fantasma, exatamente como aquela rapariga que me deu um soco à beira-mar.

Às nove horas, o interminável grito da campainha é mais do que consigo suportar. Pego no auscultador do intercomunicador, mas não digo nada. Sabendo que não demorará muito tempo, espero pela tua voz.

— Clarissa? — dizes. — Clarissa? Esperei por ti, Clarissa. Há algum problema, Clarissa? Como podes ter sido tão horrível para mim, Clarissa? Pensei que estivesse arrependida do modo como me trataste ontem à noite, mas agora isto.

Até teres aparecido, eu adorava o meu nome. Não quero que me tires isso também. Não posso deixar-te fazer isso, embora me encolha cada vez que o repetes.

O modo como varies entre a solicitude e a cólera, ora numa atitude conciliadora, ora numa atitude repreensiva, apavora-me tanto que me abraço e me balanço para trás e para a frente.

Entro na casa de banho e fecho a porta, embora isso não sirva quase de nada para bloquear o barulho. Abro a torneira ao máximo e isso ajuda, mas não te abafa completamente. Sacudo saís de lavanda para dentro da banheira: o presente de Natal do Gary, que é o mesmo todos os anos, o que nos faz rir quando ele mo entrega. Não me apetece rir agora. Largo a roupa no chão e assim que a banheira está suficientemente cheia para a água me cobrir as orelhas, entro com um chape desajeitado.

Isso resulta em pleno. Agora já não consigo ouvir-te de todo. Mas os saís de banho não conseguem relaxar-me e após alguns minutos apenas, sinto-me fraca e a desmaiar por causa do calor e o vapor está a tornar-me impossível respirar. Não ser capaz de ouvir absolutamente nada é assustador de um modo diferente. Tenho uma sementinha de esperança de que quando transpuser a superfície da água e reemergir, haja silêncio, mas continuas lá, claro, a fazer o teu barulho. Saio demasiado rápido e sinto-me zozna.

A palavra simpática para ti é metódico. Obsessivo compulsivo é a frase mais cruel e que tu já mereceste verdadeiramente. Ninguém está mais à altura dessa do que tu. Carregas no botão da campainha para uns estridentes sessenta segundos exatos, depois permites-me precisamente dois minutos de precioso sossego antes de repetires o ciclo. Provavelmente guardas um cronómetro no teu saco de ferra-

mentas. Ainda bem que a Menina Norton está quase surda e se deita cedo, tirando os aparelhos auditivos antes de dormir. Ainda bem que não estou num lugar público onde podes fazer-me uma emboscada como fizeste com a Rowena.

Enfaixo-me em toalhas e vou para o quarto. Uma vez mais, fecho a porta e, uma vez mais, isso não ajuda praticamente nada a sufocar o guincho da campainha. Ligo o rádio. Estão a emitir um prelúdio de Chopin. Aumento o volume e és verdadeiramente amortecido à exceção das pausas entre as notas do piano. Só quando me enfio debaixo da roupa da cama e a puxo sobre a cabeça, é que desapareces completamente.

Contudo, pouco depois os meus ouvidos doem-me de um outro modo. Esta música não devia ser ouvida aos berros. Arruinaste-me para sempre o Chopin. Tê-lo assim a tão alto nível decibélico, a competir absurdamente com o teu dedo na campainha, torna-o feio e incivilizado; não era suposto ser utilizado como arma. Estou a sufocar outra vez, incapaz de introduzir ar suficiente nos pulmões com o cobertor por cima do nariz e tenho de abandonar também rapidamente esta unidade de privação sensorial caseira. Uma vez mais, golpeias-me os tímpanos.

As dez não consigo suportar mais um minuto. Agarro no auscultador do intercomunicador. Tu vences novamente. É impossível manter-me em silêncio.

— Nunca te deixarei entrar. Não quero sair contigo; nunca te pedi aquele bilhete; eu nunca teria aparecido naquele restaurante ontem à noite se soubesse que estarias lá.

Tu dizes: — Não quero irritar-te, Clarissa. — Tu dizes: — Estou só a tentar fazer-te feliz, Clarissa. — Tu dizes: — É só isso que quero. Mas magoaste-me, Clarissa. — Tu dizes: — Sei que te sentes só, Clarissa. Também me sinto só. — Tu dizes: — Estou apenas a tentar ajudar-nos, Clarissa. — Tu dizes: — Sei que o teu coração foi destruído, Clarissa. O meu também foi. Inúmeras vezes por ti. — Tu dizes: — Vou-me embora agora, Clarissa.

Enfio abruptamente o auscultador no descanso, tão perturbada, que este cai, fica pendurado e sou obrigada a recolocá-lo. O novo silêncio é tão absoluto que me provoca um zunido nos ouvidos. Mas eu não consigo livrar-me do receio de tu ainda estares aí.

Era difícil concentrar-se no advogado de Azarola depois de mal ter dormido na noite anterior.

— Por favor, confirme a sua descrição do homem que afirmou terem apanhado de caminho para Londres. — O Sr. Williams fazia lembrar a Clarissa um ator de uma série dramática policial que havia ensaiado as frases e os movimentos. — Você disse «Cerca de um metro e oitenta de altura, mestiço, magro, com longas tranças».

Azarola inclinou-se para diante. Tinha bem mais de um metro e oitenta. A pele era dourada, os olhos cor de avelã e o cabelo liso, curto, espesso e castanho. Os ombros e peito eram largos, como os de Robert, debaixo da camisola preta justa, que ela achava que parecia cara e fina, provavelmente caxemira. Ele fazia-a lembrar uma estrela pop espanhola.

— Sim. Foi essa a minha descrição — disse a Menina Lockyer.

Aquela descrição não correspondia de todo. Poderia Clarissa cometer tal erro, se estivesse com demasiado medo para olhar? Ou teria a polícia apanhado o homem errado?

O advogado de Tomlinson parecia um experiente ator shakespeariano. — O Sr. Tomlinson fez sexo consensual consigo. Não foi o encontro violento que você descreveu. Foi uma fria transação comercial com o intuito de obter drogas. Você é uma profissional, Menina Lockyer. Deu até um preservativo ao Sr. Tomlinson.

Clarissa estremeceu. Ela não tinha conseguido recordar-se o suficiente daquela noite de novembro para saber se Rafe usara preservativo. Conhecendo-o, provavelmente não o fizera. Ela tinha ficado inexpressivamente aliviada quando o período havia aparecido uma semana depois, como previsto: uma nova experiência para si desejar não estar grávida. O que pensaria o Sr. Belford dela, se estivesse sentada no banco das testemunhas?

...

Clarissa falou em voz baixa com Annie quando pegaram nos respetivos casacos e se encaminharam para o exterior do edifício. — É isto que acontece quando fazemos uma denúncia, quando nos queixamos. Eles violam-nos outra vez e dizem que somos prostitutas.

— Mas ela era uma prostituta, Clarissa — disse Annie. — É impossível alguém acreditar nela quando diz que não era.

Clarissa enfiou o exemplar esfarrapado do *Collected Poems* de Keat na mala. O livro era uma relíquia do seu doutoramento abandonado e algo a que sempre recorria quando o mundo ao seu redor parecia especialmente escuro e incivilizado. Ela olhou pela janela do comboio. Robert avançava a passos largos e seguros ao longo do cais e desapareceu escada abaixo. Ela não se tinha apercebido de que ele havia estado no comboio; não lhe passara pela cabeça que também ele pudesse viver em Bath. De algum modo, ele havia descido do comboio e praticamente saído da estação antes que os outros passageiros tivessem sequer começado a apertar-se.

Perscrutou o cais de desembarque em busca de Rafe, espreitando para o meio da multidão que estava a empurrá-la em direção às escadas. O seu corpo estava dorido de ter estado sentada o dia todo. Ela queria ar fresco. Queria mexer-se. Já tinha precisado de desistir das caminhadas matinais. Não queria perder também a caminhada de regresso a casa. O facto de a fila para o táxi estar tão incrivelmente longa ajudou-a a decidir-se, mas ela estava satisfeita por haver tanta gente por ali.

Ainda assim, estava nervosa quando entrou no túnel ferroviário atrás da estação. Parou para espreitar para o interior: nada de Rafe. E em cima da ponte, antes de a ter subido para atravessar o rio: uma vez mais, ele não estava.

Mas estava alguém, a meio da ponte, enroscada no interior de um monte de mantas surradas e rodeada de latas de cerveja vazias, agarrada a uma garrafa de bebida alcoólica barata. Havia vários sacos de plástico ao redor dela, com os seus escassos pertences.

Normalmente, Clarissa manteria a maior distância possível entre as duas. Desta vez, aproximou-se da mulher, embora lutasse contra uma pontada da mesma mistura de medo e pena que a Menina Lockyer a fazia sentir. Agarrou-se com mais força à mala.

O cabelo da mulher estava tão gorduroso e emaranhado que Clarissa não era capaz de perceber a cor. O seu débil casaco leve estava rasgado e imundo sobre o corpo esquelético. A pele enrugada estava tão áspera,

vermelha e escamosa que devia doer; ela parecia, à primeira vista, ser uma mulher de idade, mas provavelmente não teria mais de quarenta anos. Seria assim a Menina Lockyer, um dia? Havia um fedor a carne azeda — uma mistura inconfundível a genitais e ânus por lavar e a suor de sovaco — que fez Clarissa suspender a inalação e respirar pela boca, esperando que a mulher não reparasse.

— Dinheiro para o abrigo? — A mulher estendeu uma mão que estava quase azul de frio. Clarissa descalçou uma luva e retirou uma nota de vinte libras, sabendo que provavelmente seria usada para comprar uma dose de *crack* e outra de heroína. — Deus lhe pague — disse a mulher.

Clarissa descalçou a outra luva e ofereceu o par, incerta se o tricô da mãe seria desejado. A mulher hesitou, depois olhou para elas e calçou-as, lenta e atrapalhadamente. — Deus lhe pague — disse ela outra vez, sem olhar para os olhos de Clarissa, e Clarissa avançou, enfiando os punhos agora gelados no fundo dos bolsos do casaco quente que tinha talhado quando Henry ainda fazia parte da sua vida.

Henry a sorrir vagamente nessa altura, com um copo de vinho e o jornal nas mãos, enquanto ela estava ajoelhada no chão da sala de estar, debruçada sobre a lã índigo que tinha tricotado em losangos, embrenhada nos planos que tinha para a mesma. Henry a pulsar de energia, mesmo quando estava quieto. Henry a rapar o pouco cabelo que lhe restava debaixo do duche todas as manhãs, para ficar completamente careca; uma escolha de estilo em vez do destino indesejado, e mais uma prova do seu infalível juízo de estética. Henry, agora em Cambridge, a um mundo de distância daquela mulher e de Clarissa.

Clarissa apressou o passo, querendo chegar a casa o mais rapidamente possível. Chegou ao antigo cemitério de igreja em poucos minutos. A Menina Lockyer devia ter passado por ali inúmeras vezes, incluindo no dia em que a haviam levado. Teria reparado no único túmulo que não fora arrancado? Verde com bolor, o jazigo de pedra cinzenta, que marcava o lugar dos corpos, era do tamanho de um grande baú. Muitos séculos antes, o cemitério havia sido um bosque. Era mais um dos lugares especiais de Clarissa. Ela gostava de pensar que era uma fonte de magia para si e que algum dia essa magia surtiria efeito, embora tal ainda não tivesse acontecido.

Uma mulher tinha sido ali enterrada com os seus dois bebés em meados do século dezanove. Três mortes em dois anos. Clarissa não conseguia ver as inscrições na escuridão e as letras gravadas estavam a perder a definição, mas ela sabia-as de cor.

Matilda Bourn, Falecida a 21 de Agosto de 1850, 4 meses de idade.

Louisa Bourn, Falecida a 16 de Setembro de 1851, 6 semanas de idade

Jane Bourn, Mãe das Crianças Supracitadas, Falecida a 22 de Dezembro de 1852, 43 anos e 6 meses de idade

Clarissa sempre imaginara as suas bebés embaladas nos braços da mãe, debaixo daquela terra húmida, e a mãe finalmente feliz por poder abraçá-las. Teriam sido os seus únicos bebés? Presumivelmente teria havido muitos outros; era o mais provável. Talvez a sua saúde tivesse sido arruinada por demasiadas gravidezes excessivamente próximas umas das outras; devia ter sido essa a causa da sua morte. Clarissa poderia ter investigado, mas não queria realmente saber. Preferia a história, que contava a si mesma, da mulher que ansiara durante bastante tempo ter filhos. De repente, por milagre, tinha tido os seus bebés depois de completar os quarenta anos, a idade que Clarissa teria dentro de ano e meio, somente para os perder.

Não era mencionado qualquer marido. Qualquer pai. Como se a única relação que importava fosse a existente entre a falecida mãe e os seus bebés. Mas alguém os havia valorizado o suficiente para erguer aquela lápide.

O sobrenome de Clarissa era uma variante do delas, mas ela sabia que não era por esse motivo que sentia uma ligação tão forte à falecida mãe e às suas bebés. Ela tinha um ritual quase supersticioso de orar por elas — e para elas — sempre que passava pelo túmulo. Às vezes transpunha o portão de ferro no extremo oposto para o limpar de latas amolgadas, ou de pacotes de *fast-food* gordurosa.

Naquela noite, estava escuro como breu ali. As pessoas que pareciam ter partilhado consigo o caminho de regresso a casa desde a estação ferroviária tinham, de alguma forma, desaparecido sem que ela reparasse; ela tinha-se demorado demasiado com a mulher na ponte. Arrependida da decisão de ter desistido da fila para o táxi, ponderou voltar para trás. Mas calculou rapidamente que isso não ajudaria a situação; ela estaria tão sozinha e isolada a fazer o caminho de volta como a continuar em diante.

Tentou argumentar com ela própria que Rafe não sabia nada acerca das suas idas diárias a Bristol; ele não tinha motivos para desconfiar que ela regressaria a pé da estação aos finais de tarde. Todavia, ela não conseguia deixar de imaginar sombras movendo-se pelas paredes, onde tinham sido encostadas todas as velhas lápides; os que sobre elas haviam chorado, há muito que estavam mortos; provavelmente nunca haviam

imaginado que os marcadores cuidadosamente esculpidos seriam arrancados dos seus lugares.

Ela prosseguiu com determinação, evitando apenas correr para não escorregar no passeio gelado. Tinha a certeza que ele iria aparecer subitamente na sua linha de visão, materializando-se na noite sem estrelas.

Só começou a respirar à vontade quando chegou à sua rua. Não voltaria a caminhar sozinha depois do pôr do sol. Para lado nenhum. Independentemente do tempo que precisasse de esperar por um táxi. E quando caminhasse, só iria a lugares que estivessem seguramente apinhados de gente.

Sexta-feira, 6 de fevereiro, 18:15.

Um pequeno envelope almofadado espera por mim na prateleira do átrio de entrada comum. No seu interior está uma pequena caixa. Embrulhaste-a com papel trabalhado em relevo dourado e decoraste-a cuidadosamente com fitas prateadas encaracoladas. Juntaste um pesado cartão creme, com uma rosa impressa. *Reparo no que tu gostas. Usa isto para mim.*

As mãos tremem-me quando subo as escadas para o meu apartamento, rasgando o embrulho da caixa enquanto avanço, e tropeço no patamar quando vejo o anel que me prendeu a atenção naquela noite de novembro, como se tivesse ficado enfeitiçada. Nunca o terias comprado se soubesses que eu estava a pensar no Henry enquanto olhava para ele. Não estava a pensar em ti. Tu, não. Nunca tu. As visões que tenho de ti são todas sombrias.

Irrefletidamente, penso que as pontas dos meus dedos sangrarão ao roçarem o pequeno círculo de platina fria e os minúsculos diamantes que o incrustam. O anel voou até mim como um bumerangue maléfico.

Assim que entro no apartamento, torno a enfiar tudo no envelope almofadado, incluindo o cartão, fecho-o com fita adesiva e colo selos novos, rabisco o teu nome e o endereço da universidade e risco os meus. Acima de tudo, não posso deixar-te pensar que aceitei algo tão caro da tua parte. Vou reenviar-to amanhã bem cedo.

Mas, assim que começo a guardar o pacote na minha mala para ficar já a postos, uma das indicações do folheto paralisa-me a mão.

Guarde todas as cartas, embalagens e objetos, mesmo que sejam alarmantes ou perturbadores.

Tenho de ficar com o anel, por mais dinheiro que tenhas gasto com ele. Afinal de contas, o anel é um presente. Apenas não no sentido que tencionaste. Irei adicioná-lo à minha coleção crescente de indícios. Um sortido sinistro, mas não ainda irrefutável enquanto prova.

Segunda Semana

A DANÇA DE FOGO

Clarissa observava Robert. Ele estava a folhear o dossiê do júri. Deteve-se numa fotografia do interior da carrinha, examinou-a e rabiscou uma nota para o oficial de diligências levar ao juiz.

O Sr. Belford olhava de modo dúbio para a Menina Lockyer. — Uma história — estava ele a dizer — de agressões sistemáticas e tortura, de atos violentos de estupro e retenção forçada. Mas a vítima quase não apresenta marcas.

O juiz interrompeu com a habitual cortesia formal, pedindo-lhes para olharem para a fotografia de Robert. Atrás do banco do condutor, aninhado em cima de uma embalagem gordurosa e amarrotada de *fast-food*, estava um isqueiro descartável verde.

O Sr. Morden estava a sorrir abertamente para Robert. Ninguém tinha reparado ainda naquele isqueiro. Encaixava perfeitamente na descrição que a Menina Lockyer tinha feito de Godfrey a queimar-lhe o brinco na carrinha.

Era outra das muitas pausas ocasionadas pelos argumentos sussurrados do Sr. Morden e do Sr. Belford. Clarissa estava sentada na cadeira habitual. Robert tinha adquirido o hábito de se sentar à sua frente, ao canto da artificialmente clara e ofuscantemente branca pequena sala anexa.

— Pobre rapariga — disse Robert, nem um pouco receoso de expor diretamente a sua compaixão.

Clarissa perguntou-se quantos homens exteriorizariam os seus sentimentos daquela forma, em frente de outras pessoas. — Sim — disse ela, anuindo um pouco com a cabeça, a sua expressão ligeiramente triste. — Pobrezinha. — E depois: — Não posso acreditar que descobriste aquele isqueiro. És detetive de profissão?

— Sou bombeiro. — Ele encolheu os ombros, menosprezando o facto com modéstia. — A maior parte das pessoas não anda à procura de

possíveis causas de incêndios. É o que faço desde os meus vinte anos. Metade da minha vida.

O oficial de diligências já estava de volta, chamando-os para regressarem.

Clarissa pegou na mala e no casaco de malha. Nunca tinha conhecido um bombeiro. Tinha-se rodeado de académicos, embora tivesse decidido não ser uma. Mas não se tinha esquecido que correria para os braços de um, Henry, mesmo que ele fosse principalmente um poeta. Ela considerava que o que Robert fazia era interessante e importante.

— É só um trabalho — disse ele, como se lhe tivesse lido os pensamentos e estivesse a esclarecer-lhe as dúvidas. Falou com objetividade, mas do seu modo amável e calmo. — Todos desempenhamos o nosso papel.

— É capaz de atos de violência, não é, Menina Lockyer?

A Menina Lockyer abanou a cabeça à pergunta do Sr. Belford como se não fosse digna de resposta, o Sr. Morden levantou-se com um salto para objetar com absoluta fúria e os jurados deram por si a sair da sala uma vez mais.

Clarissa ficou de novo sentada diante de Annie e de Robert na pequena sala anexa.

Estava a lembrar-se da noite de quarta-feira. O dispensador de sabonete a escorregar-lhe dos dedos e a estilhaçar-se contra os ladrilhos da casa de banho em vez do crânio de Rafe.

Nunca serias capaz de me magoar, Clarissa. Eu conheço-te.

— Não tenho a certeza se conseguiria magoar outra pessoa — disse ela — mas estou a começar a desejar conseguir.

— Não me pareces capaz de fazer mal a uma mosca — disse Annie.

Robert estava a olhar intensamente para Clarissa. — Para lesionar alguém não é necessária força física. Nunca estiveste numa situação em que te viste obrigada a fazê-lo. Qualquer pessoa é capaz de atos de violência, Clarissa. Garanto-te que também serias, se precisasses.

— Já precisaste, Robert?

O rosto dele era inexpressivo. Ele não respondeu.

— Não era preciso realmente perguntar — disse Annie. — Claro que precisaste.

...

O Sr. Belford passou a impressão de que não tinha tirado os olhos de cima da Menina Lockyer durante a ausência dos jurados; um milhafre a pairar por cima de um campo de ratos, à espera da sua oportunidade.

— É correto que o seu ex-companheiro tem uma namorada nova?

Clarissa olhou preocupadamente para Annie, cujo marido tinha acabado de a deixar por outra mulher. Pensou também em Rowena. E na mulher de Henry.

A Menina Lockyer olhou fixamente para as próprias mãos.

Clarissa perguntou-se o que sentiria quando Henry encontrasse outra pessoa. Ela sabia que sentiria uma facada se ele tivesse sucesso num tratamento de fertilidade com uma nova namorada, e ela devia estar acima disso. Não que ele se sujeitasse tão rapidamente a uma coisa dessas outra vez. Henry queria que as pessoas pensassem que deitava testosterona pelos poros. Ele tinha-a obrigado a jurar nunca contar a ninguém que a sua pequena população de espermatozoides disformes possuía toda cinco cabeças e dez caudas e nadava em círculos dementes, esbarrando todos uns contra os outros.

O Sr. Belford incitou a ainda silenciosa Menina Lockyer. — Ameaçou matá-la?

— Claro que não.

Ele abanou a cabeça, deixando claro que as respostas dela eram tão absurdas que não valia a pena falar mais com ela.

Estivera tão concentrada na Menina Lockyer, no Sr. Belford e nos seus apontamentos que não tinha olhado para a plateia. Um movimento na última fila prendeu-lhe a atenção.

Um homem pálido inclinou-se para a frente e desencostou-se da parede clara onde tinha estado a repousar a sua cabeça clara, olhando apenas para Clarissa e obrigando-a a vê-lo a olhar.

No momento em que Robert parou para a deixar sair do banco dos jurados à sua frente, ela tropeçou, as faces começaram a ruborizar, a respiração a acelerar, o coração a bater tão depressa que ela pensou que devia ser visível debaixo do vestido.

Segunda-feira, 9 de fevereiro, 17:55.

Estou sentada na sala dos jurados a fingir estar tão perdida no meu livro que não reparo que todos se foram embora. A oficial de justiça

está a olhar para mim, a arrumar ruidosamente as suas coisas. Finalmente, diz-me que a sala precisa de ficar desocupada durante a noite e vejo que não posso mais adiar-te.

Tal como eu esperava, estás à minha espera logo à saída do edifício do tribunal. Passo rapidamente por ti até ao final da rua e viro à esquerda, agindo como se não estivesse aqui.

— Clarissa. — Alcançaste-me. — É ridículo da tua parte não falares comigo, Clarissa.

Paro abruptamente em frente do quiosque do café, agora já fechado como tudo o resto. Nunca vi isto tão sossegado, mas há algumas pessoas por perto. Ainda me confere a segurança de um espaço público.

— Querida, por favor fala comigo.

Não consigo controlar-me. As indicações de silêncio dos folhetos são impossíveis de seguir. — Não sou tua querida. — Tu aproximas-te. — Não te aproximes de mim. — A minha voz é um guincho. Tento baixá-la. — Nunca mais venhas aqui. Não tinhas o direito.

— A plateia é pública.

A não ser que te impeça de voltares aqui, não serei capaz de entrar naquele banco de jurados e prosseguir com o julgamento. A Sala de Audiências 12 transformar-se-á numa armadilha, um lugar onde estou presa e em exposição para ti. Constato o quão me preocupo com o julgamento, o quão importante é, que estou, de facto, imensamente orgulhosa de estar a servir num júri; é algo que sempre tivera a esperança de fazer. Pensamentos piegas sobre dever cívico e cidadania estão a martelar-me a cabeça mesmo na tua presença.

— Se voltares aqui, digo-lhes que te conheço. Eles podem anular o julgamento todo. Eles não querem os jurados perturbados por pessoas que conhecem. Preciso de me concentrar.

— O testemunho transtornou-te, Clarissa; percebi isso.

Tens razão. Odeio que estejas certo a meu respeito. Odeio não ter dado sequer pela tua presença, a observares-me. Odeio o facto de não saber exatamente o que teria feito se tivesse reparado em ti ali, enquanto a Sala de Audiências 12 estava ainda no auge da sua infeliz atividade em vez de nos seus últimos segundos.

— Não há lei nenhuma que impeça os amigos dos jurados de se sentarem na plateia.

— Não és meu amigo.

— Tens razão. — Corriges-te. — Amante.

— Não és... — Mordo o lábio. Tens um ar tão triste que qualquer outra pessoa teria pena de ti.

— Pensei que ficarias feliz por me ver.

— Não estou. — Não é difícil ser má. Estou quase a tremer de raiva. A minha mãe nunca poderia ter imaginado um homem como tu.

— Não vou mais ver a Rowena.

— Não me interessa quem vês e não vês.

— És cruel, Clarissa. Estava preocupado. Estavas doente.

— Menti-te. Não estava doente. Não queria que me seguisses naquela manhã. Não queria que me encontrasses. Não queria que soubesses que estava aqui. Tenho o direito de tu não saberes onde estou. Não gosto de ser seguida. — Isto é melhor: firme e sincero.

— Isso foi uma coisa muito má de se fazer. Tinha-te em melhor conta.

— Não me interessa o que pensas de mim. Não quero que penses nada de mim.

— O teu telemóvel ainda não está ligado.

— Mudei de número. Tu és a razão por que o fiz. Não quero ter nada a ver contigo. Já te disse isto um milhão de vezes.

— Entrei em todas as salas de audiência do edifício até te encontrar.

Mexo lentamente a cabeça de um lado para o outro. — Não vês que isso não é normal?

— Não. Não, não vejo. Só mostra o quanto és importante para mim. — Estendes os braços, como se esperasses que eu caísse neles, e eu recuo. Como podes imaginar que eu pudesse querer isso? — Gostaste do anel, Clarissa?

— Não.

— Mas ficaste com ele. Por isso deves gostar dele.

— Não me mandes mais coisas. Quero que fiques longe de mim. — Quando começo a afastar-me, tu agarras-me no braço. Eu puxo-o para o libertar. — Não me toques. Tu enojas-me. As coisas que fazes enojam-me.

— Não podes pura e simplesmente dormir comigo e depois mudar de ideias. Não podes fazer-me sentir o que fizeste e depois ignorares-me.

Uma frase de um dos folhetos atinge-me com força.

Um terço dos assediadores teve relações íntimas com a vítima.

— Foi só uma noite. Não significou nada para mim. Foi o maior erro que cometi e não o teria cometido se não tivesse estado bêbeda. Ou pior. Houve alguma coisa pior? — Pela primeira vez não tens nada

para dizer. — Porque é que não consigo lembrar-me de nada? — E nada ainda. — Porque é que tinha marcas no corpo? — Pela primeira vez tenho mais para dizer do que tu. — Porque é que me senti tão maldispota depois?

Finalmente falas, embora eu deseje novamente o teu silêncio assim que as palavras saem da tua boca. — Tu estavas louca de paixão por mim, Clarissa. Estavas descontrolada na forma como reagias, nas coisas que me imploravas para te fazer.

— Eu estava inconsciente. — Agarro na minha mala, tentando fazer com que as mãos parem de tremer. O café que bebi ao almoço está quase a chegar-me à garganta. Volto a engoli-lo. — Puseste alguma coisa no meu vinho?

— Agora pareces doida. Tu querias-me, Clarissa. Querias-me tanto como eu te queria. Porque é que estás a tentar negar isso? Estavas ali deitada a desfrutar.

— Não te queria. Nem nessa altura, e certamente não agora.

A tua boca contorce-se. As tuas mãos cerram-se em punhos, abrem-se, fecham-se, tornam a abrir-se. — Cabra. — A tua cara está enrugada com ódio, mas tu esforças-te para a alisar. — Não queria dizer isto, Clarissa. Desculpa. Transtornaste-me demasiado. Diz que me perdoas. Eu não sabia o que estava a dizer.

Os folhetos tornam a atingir-me violentamente.

Morrem oito mulheres por mês em Inglaterra, vítimas de violência doméstica.

Quem me dera que esses folhetos parassem de me perseguir. Não quero pensar neles. Não quero imaginar que podem estar certos. Os folhetos são como amigos a segredar verdades desconfortáveis que não quero ouvir. Quero pensar que esses números são apenas invenções. *Morrem oito mulheres por mês.*

— Vou-me embora agora. Se me seguires, volto diretamente para dentro do edifício do tribunal e digo aos seguranças. Eles ainda não se foram embora.

— Diz que me perdoas e eu vou-me embora.

— Eu nunca te vou perdoar. Se algum dia voltar a ver-te naquela sala de audiências, denuncio-te ao juiz.

— Eu não estava a falar a sério, Clarissa, ao chamar-te aquilo.

— E conto também no trabalho o que tu fizeste, que me seguiste até aqui, que me transtornaste de tal forma que não consegui levar a cabo algo tão importante. — Sou implacável. Já não estou a tremer e

a náusea desapareceu. Eu sei o que preciso de dizer para te manter fora da Sala de Audiências 12. — Vou apresentar uma queixa formal aos Recursos Humanos. Eles encaram com seriedade as suas responsabilidades para com empregados que estão a prestar serviço de júri. — Isto é completamente verdade. — Consigo perceber que não queres que lá no trabalho saibam o que estás a fazer. — E também isto é verdade. Os teus olhos incendeiam-se, confirmando que estou certa; nunca me envias *emails* através do sistema da universidade.

— Tu és realmente uma cabra. Não és a mulher que pensei que eras.

— Tens razão. Não sou. Não me queres de todo. Deixa-me simplesmente em paz. É só isso que quero de ti.

Vou-me embora e desta vez tu não me segues.

Dizem que não devemos equivocar-nos. Dizem que devemos ser diretos e firmes. Dizem que nunca devemos tentar suavizar o choque. Dizem que «Não!» é uma frase de uma palavra. Dizem para o usarmos com força. Dizem que nunca devemos complicar um Não.